para todos...
rio de janeiro
16 de janeiro
1932
1$500
NVM. 683

"A mocidade e como o Lotus:
floresce apenas uma vez."
KOHOUT.
VALE A PENA
PENSAR
A mocidade é uma só — e esta mesmo pode ser abreviada pelos estragos da saude. Defender a saude é prolongar a propria mocidade, é dar ao corpo uma graça duradoura que resiste até a velhice.
A fonte perenne de conservação para o sexo feminino é
A Saude da Mulher.
Favorece as Mocinhas,
porque normalisa o apparecimento das regras, tonificando o Utero e os Ovarios nessa edade perigosa em que taes orgãos, ainda fracos, são facilmente attingidos por grandes perturbações.
Favorece as Senhoras,
porque as conserva jovens, preservando-as de soffrimentos que as fazem envelhecer mais depressa, taes como Flores-Brancas, Faltas de Regras, Regras Demasiadas, Regras Dolorosas.
Favorece as Senhoras mais edosas,
porque combate todos os males da Edade Critica, principalmente o Rheumatismo e as Colicas Uterinas.

Para todos...

Directores
Alvaro Moreyra e Oswaldo Loureiro

Assignaturas
1 anno — 75$000
6 mezes — 38$000

Rua do Ouvidor 181 — 1.°
End. telegr.: "Paratodos"
Telephone: 2-9654

OS NOSSOS AGENTES

No RIO GRANDE DO SUL:

Barcellos, Bertaso & C., Porto Alegre, Santa Maria, Pelotas.
Empreza De Maria, Santa Maria
Echenique & C., Pelotas
Meira & C., Pelotas
Luiz Passarelli, Pelotas
Luciano Ramos Lage, Rio Grande
Catão Perez & C., Bagé
Antonio Prado Brigalla, Livramento
Francisco G. Schmidt, Candelaria
José Cuetos, Uruguayana
Lina Drago Goulart, S. Borja
Klarman Rech & C., Santa Cruz
L. P. Borba, Cruz Alta
Kottermund & Rossler, Cruz Alta
Oroncio Demoly, S. Jeronymo
Edmundo T. Salazar, Taquara
Analia O. Russomano, Santa Victoria.

Em SANTA CATHARINA:

Arthur Beck, Florianopolis
Olympio Gorresen, S. Francisco do Sul
Juventino Linhares, Itajahy.

No PARANA':

J. Ghignone, Curytiba
Leopoldino Rocha, Paranaguá
L. S. Picanço, Antonina.

Em S. PAULO:

Antonio Zambardino, Capital
Nicoláu Panno, Taubaté, Jacarehy
João Zappa & Irmão, Guaratinguetá
Emilio Scalige, Jundiahy
José Correia (De Maria) Jundiahy
Justino dos Santos Leal, Piracicaba
João Leite de Godoy, Itatiba
Americo Roque, Araraquara
Silva Guimarães & C., Campinas
Empreza De Maria, Campinas, Jahú, São Carlos.
José Silva, Campinas a Jaguary
Modesto Carone, Sorocaba
Gustavo C. Albino, Itapetininga
Alfredo Leite de Aguiar, Rio Preto
Salomão Gantus, Baurú
José Vicente Pinna, Pres. Wenceslão
José d'Amore, Ribeirão Preto, Casa Branca a Guaxupé, Igarapava a Araguary, Araguary a Ypameri.
José Corrêa Machado, Pres. Prudente
José Werneck Filho, Salto Grande
Luiz Zappa, Cruzeiro
J. M. Craveiro, Lins
J. de Andrade, Olympia
J. de Paiva Magalhães, Santos
Ricardo Pucci, Franca
Emilio Cognac, Campo de Jordão.

Em MINAS GERAES:

Vicente Sant'Anna & C., Bello Horizonte
José Maria Marques, S. Lourenço
Manoel Gonçalves, Varginha
Rotella & Irmão, Itajubá
A. Ferreira Gomes, Conceição do Rio Verde.
Pedro & Oliveira, Ouro Fino
José Vieira da Rocha, Barbacena
Jocintho da Costa Coelho, Itabirito
José Caruso & C., Juiz de Fóra
Luiza Baeta de Faria, Queluz
João Baptista de Souza Jr., Formiga
L'Anello & C., S. João d'El-Rey
José Calvano, Oliveira
Miranda & C., Sabará
Pedro Curvellano, Curvello
Antonio Costa, Sete Lagôas
Genesio B. Moreira, Caratinga
José Leite de Faria, Pitanguy
José da Cunha Carvalho, Palmyra
João M. da Fonseca Brasil, Aymorés
Horacio Paiva, Poços de Caldas
Francisco Esposito, Ubá
Gellito Caruso, Cataguazes
Carelli & C., Carangola
Francisco Vieira de Siqueira, Pomba
Jeronymo Chagas, Uberaba
Boanerges de Oliveira, Nova Lima
Samuel Dias de Mello, Lavras
Mello & C., Lavras.

No ESTADO DO RIO:

Salvador Ambrosia, Barra Mansa
Caruso & Zappa, Barra do Pirahy
Vicente Sant'Anna, Campos
Sizenando Sampaio, Cabo Frio
Mandarino & C., Macahé.

No ESPIRITO SANTO:

Viuva Capolillo & Filho, Victoria
Vicente Sant'Anna, Cachoeiro de Itapemirim
J. D. R. Pattuzzo, Collatina.

Em MATTO GROSSO:

Carmindo Campos, Cuayabá
José Sergio, Campo Grande
Elmano Soares, Tres Lagôas
Raphael Ramires, Caceres.

Em GOYAZ:

A. Arlington Fleury, Capital
Euclydes Demosthenes Lobo, Bomfim.

Na BAHIA:

Alfredo T. de Souza, S. Salvador
T. Barros Leite, Ilhéus
Manoel Carmo, Itabuna
Mario Muniz, Valença
José do Carmo Tavares, Santo Amaro
Manoel Bandeira, Cidade da Barra.

Em SERGIPE:

Aprippino Leite, Aracajú.

Em ALAGOAS:

Luiz de Carvalho, Maceió
Manoel Spinola, Viçosa.

Em PERNAMBUCO:

Constantino Santóro, Recife
Arthur Gonçalves Lima, Triumpho.

Na PARAHYBA:

Manoel Ignacio da Rocha, João Pessoa.

:: Os clichés de ::
"Para todos..."
:: são feitos nas ::
officinas de "Vida Nova", pelo gravador
OSCAR
Avenida Gomes Freire, 138 e 140
Telephone: 2-2437

Os nossos agentes

No RIO GRANDE DO NORTE:

Luiz Romão, Natal
Fortunato Aranha, Natal
J. Martins de Vasconcellos, Mossoró.

No CEARA':

José Edesio de Albuquerque, Fortaleza
Capote & Erico, Sobral.

No MARANHÃO:

Ramos de Almeida & C., São Luiz.

No PARA':

Albano H. Martins, Belem

No AMAZONAS:

Albano H. Martins, Manáos

No TERRITORIO DO ACRE:

Octavio Augusto de Araujo, Villa Brasilia
Diogenes de Oliveira, Rio Branco.

Correspondentes de "Para Todos..."

No URUGUAY:

Ildefonso Pereda Valdés, Montevidéo

Na REPUBLICA ARGENTINA:

Pedro Juan Vignale, Buenos Ayres

No EQUADOR:

Ruy Pinheiro Guimarães, Quito

Nos ESTADOS UNIDOS:

Olympio Guilherme, Hollywood

Na FRANÇA:

Ronald de Carvalho, Paris
Pinheiro Couto, Paris

Na ITALIA:

Anton Giulio Bragaglia, Roma

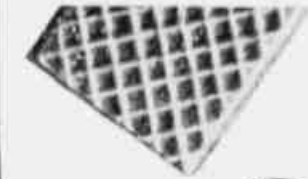
Na ALLEMANHA:

Caringi, Munich

Em PORTUGAL:

Antonio Ferro, Lisboa.

NO GYMNASIO DO FLUMINENSE

Aula de gymnastica do Departamento Feminino

COISAS DE OUTRAS CABEÇAS

QUASI todos os homens que dizem mal das mulheres dizem mal de uma unica mulher...

REMY DE GOURMONT

ANTES cahir das nuvens do que de um terceiro andar...

MACHADO DE ASSIS

EM geral, o perdão é apenas a imagem da vingança.

P. J. TOULET

A gratidão é uma palavra que puzéram nos diccionarios mas que não se lembraram de pôr no coração dos homens.

FRANÇOIS MAURIAC

HA duas especies de couraceiros no campo de batalha da vida: uns usam a couraça para não se ferirem; os outros enfiam a couraça quando estão feridos e sangrando.

BARBEY D'AUREVILLY

Musculos de aço obtêm-se com...ferro
A força só reside em organismos tonificados.
Tonificar o organismo é dar ao corpo os elementos que produzem força e robustez.
O melhor Tonico conhecido é o "Nutrion". Contendo ferro chimico em sua formula, o "Nutrion" enriquece de hemoglobinas o sangue e torna rijos os musculos. — Cada vidro de "Nutrion" é um reservatorio de Força e de Vigor!
NutrioN
TONICO
NutrioN
KOHOUT - New York.

SAUDADES

Alvaro Moreyra

§

Mais triste do que ter saudade é não ter do que ter saudade...

§

Não foi nenhuma fada. Foi seu Arthur Brandão.

Elle me via da casa delle, todas as tardes, na sotéa da nossa casa.

Eu punha os cotovellos pequeninos no muro branco e os olhos que ainda não eram myopes nas nuvens cheias de cores. Ficava assim, quiéto, até a noite de chegar.

As torres de Nossa Senhora do Rosario batiam Ave-Maria.

A noite chegava bonita que nem uma festa.

Seu Arthur Brandão, quando encontrou meu pae no barbeiro, disse o que assistia todas as tardes e garantiu:

— Esse gury é poeta.

Meu pae contou o caso no almoço, com muitas risadas.

Foi naquelle dia que eu aprendi que poeta: é um menino que olha para o céo...

§

No tempo em que a gente começa a querer ser, eu comecei a querer ser isto mesmo.

A culpa foi minha...

BRINQUEDOS — Desenho de Paulo Werneck

Flagrantes psychologicos

R. Magalhães Junior

1 — Violencia

Meu tio Zeca, quando caiu o governo dos Acciolys, foi nomeado delegado de Tianguá. Um dia, passou á porta de nossa casa um caboclo matuto, com a camisa de riscado vermelho fóra da calça de madapolão. A autoridade não gostou.

— Vou mandar prender esse caboclo. Desaforo. Andar na villa sem passar os "pannos"...

— Mas, meu tio, — intervim. — Isso é uma violencia. Não ha lei que o prohiba. O senhor não póde prender o homem, que nada fez...

— Prendo, sim. Vou mastrar a esse caboclo quem é que manda aqui. Então, para que é que eu sou autoridade?

2 — Desconfiança

— Vamos, Tonico, a licção, — ordena a professora.

E o pirralho:

— B — com — A, diz que BA', B — com E, diz que BE', B — com — I, diz que BI...

— Leia por cima, agora...

— Diz que BA', diz que BE' diz que BI...

Indecisão. Desconfiança. Horror á responsabilidade, ás attitudes definidas, ás affirmações positivas...

3 — Indolencia

O viajante madrugou para apanhar o trem. O dono do hotel limitou-se a remover para a calçada a pesada mala de viagem e dizer-lhe, entre dentes: "bôa viagem". O viajante suspendeu a mala, mas, achando-a excessivamente pesada, depositou-a, de novo, no chão. Olheu em torno, á procura de alguem que a conduzisse á estação ferroviaria do logarejo humilde. Ninguem. Só ao longe percebeu o ruido de uma viola e a voz rouca de um cantador. Caminhou em busca da voz. Sentado á porta do mercado, sobre um tamborete de couro, o cantador cantava jactanciosamente:

— Assubi serra de fogo,
Cum pragata de argodão,
Desci nas cordas da chuva,
Cum tres corisco nas mão...

O viajante deixou-o completar a quadra e, em seguida, batendo-lhe no hombro, declarou:

— Quero pedir-lhe que leve minha mala á estação... Dou-lhe cinco mil réis...

O caboclo fez um tregeito, coçou o cangote e, depois de reflectir maduramente, respondeu:

— A preposta é bôa, seu moço... Mas o diabo é eu não ter tempo...

E ponteando a viola inseparavel:

Lá em cima daquelle morro,
Tem um pé de bananeira,
Só quero bem ás viuvas,
Deus me livre das solteira...

Sahida da procissão maritima de São Francisco Xavier em Nictheroy.

Inauguração da séde da Federação dos Escoteiros do Mar.

Chana Orloff

"RAPARIGA"
(madeira)

"MENINO"
(madeira)

HA os artistas que todos admiram. Não têm importancia. Ha os outros, discutidos, negados, "que ninguem comprehende". Estes é que contam. Chana Orloff é destes. Aqui estão tres esculpturas, duas em madeira e uma em bronze, de Chana Orloff, que ella expoz em New York, nas Weyhe Galleries. Chana Orloff nasceu na Russia.

"O OPERARIO"
(bronze)

A MORTA

FÓRA dezoito mezes de collegio, Paulo e Marcos Uccelli viram correr os dias no meio acanhado de uma pequena cidade corsa agarrada ao rochedo como uma cabra. Bonifacio, agrupada em torno das suas tres igrejas, é rodeada de muralhas onde, até hoje, só se obtem accesso por uma ponte-levadiça que treme sob os automoveis. Casas que foram genovesas, e que guardam as aberturas nas galerias, e quasi todos os cubos massiços de granito que lhes dão ares de fortaleza. A metade das ruas são ladeiras impraticaveis para carruagens, pela respeitavel razão de que os bonifacienses não tiveram, durante mil annos, outros vehiculos sinão os burros na cidade e os navios sobre o vasto dorso dos mares. Escadas levam á alamedas que caminhos abaulados unem; arcadas saltam de ruelas estreitas com calhas centraes para as aguas, e casas pousadas no rochedo parecem a projecção em altura do socco horroroso minado pelo mar.

Nessa epoca, ha cincoenta annos, era preciso, para attingil-a, passar pela "Marinha" bem em baixo das muralhas, e de lá, por interminaveis escadas, subir á cidade alta, as bagagens oscillando sobre o espinhaço das pequenas bestas que, entre dois carretos, erravam placidamente pelas ruas, como cachorros. Acima do montão de casas refugiadas no rochedo excavado pelo mar e como suspensas em cima das aguas, pairam as recordações de guerra e de insurreição, imagens de morte e de sangue, que são, a todo instante, como um velho fresco que se retoca constantemente de cores vivas, reanimadas com bruscos gestos novos.

O paiz em torno é hoje ainda muito rude. Em frente á communa, na garganta da quasi ilha, alonga-se uma vasta planura de greda: é o Campo Romanello, onde o rei de Aragon outróra installara as suas baterias. Mais longe, á uma hora de caminhada, o solo é branco, listrado de vallas talhadas a pique cujo fundo serve de leito á aguas muito raras. Muros feitos de pedras lisas prolongam-se entre murtas, desenhando em volta de cabanas redondas com telhados de pedra, immensas figuras geometricas. Além, o deserto de granito, os bosques de sobreiros, e os paizes da malaria.

Na época em que se passa esta historia, a cidade se envolvia em silencio e solidão.

Separada da Sardenha pelo mar, cortada do resto da Corsega por extensões privadas de homens e quasi de animaes, era ao mesmo tempo uma cidadela, um porto de piratas, um eremiterio de monges autoritarios e violadores dos votos, e tambem, onde se reuniam os membros de uma tribu orgulhosa da sua historia e das suas origens, com roupas, costumes e lingua particulares, de pé no canto do rochedo como um animal magro e altivo de musculos atados.

Os dois jovens poderiam ter uns vinte e poucos annos quando uma Santina atravessou o caminho delles. Santina não era da mesma classe social dos Uccelli, longe disso; o pae, don Cosimo Volterra, enriquecêra em negocios de contrabandos com a Sardenha. Uma dessas raparigas das quaes nunca pensamos em fazer uma esposa.

Uma especie de cigana de andar ondulante e cujos olhos eram selvagens num rosto immovel; como uma paixão sem freios nem medida numa vida voluntariamente regrada.

Os bandolins passavam as noites debaixo das suas janellas. Mas os Uccelli, de pistola na mão como convinha, esforçaram-se para que as noites fossem calmas sob a janella da bella e isso por tres meios: um pedindo que se calassem, outro sacudindo pela barba os amorosos, e o terceiro, dando, na rua silenciosa, dois, quatro ou seis tiros, dos quaes um acabou, um dia, com a voz do melhor cantor da cidade. Aquelle imbecil Volpe, a raposa, como o chamavam, recebeu na garganta uma bala que, entretanto, não o matou. Na mesma noite elle foi transportado para Porto-Vecchio, onde quatro parentes armados não se afastaram mais do seu quarto, pela razão muito simples de que Paulo, que era politico, mandára avisar ao irmão e demais parentes que, já que haviam feito tanto bem mettendo uma bala na garganta de Volpe, seria melhor fazel-o metter uma segunda no coração para evitar futuros aborrecimentos. Então Volpe pediu a paz, apresentou desculpas, jurou nunca mais pôr os pés em Bonifacio. E a rua de Santina tornou-se silenciosa.

Santina ficou muito agradecida aos dois irmãos por terem derramado sangue por causa della. Disseram-lhe que o atirador fôra Marcos. Ella não queria crêr em nada, pela razão muito simples de que Paulo dispunha da casa, do titulo e da fortuna. Era dessas mulheres que conduzem um sentimento como um cão familiar, mas

que não passa de um animal.

O seu desejo empurrava-a para Marcos, mas sonhava com o futuro. Narcos era bello, mais vivo, mais intelligente do que o irmão; fazia versos, e quando o terreno desimpedido, os dos Uccelli pretenderam distrahir as noites de Santina, era elle quem cantava os versos muitas vezes improvisados no momento, emquanto que Paulo, de pistola na mão conservava-se mudo ou então se contentava em dedilhar o bandolim.

O mais velho ou o mais moço ? Que fazer ? Por Bacchus ? Incertezas que começavam ao amanhecer e terminavam tarde da noite e que as canções resuscitavam ? Don Cosimo Volterra via Santina, "signora Uccelli". Nada mais. Repetia machinalmente: Signora Uccelli ! E ella, quantas vezes, na sombra do aposento, não confessou ao pae o seu amor por Marcos !...

Por
PIERRE
DOMINIQUE
Gravuras
em
madeira
de
NICK

— Sim, dizia o pae, o mais moço quer... e si o mais velho quizer ?...

Como decidir ? O faro de negociante levou-o a preferir Marcos. Eis como raciocinava: "Escolhendo o mais moço que não é rico, e não tem dominio de familia nem titulos, faço um sacrificio á felicidade, me dissimulo diante dos meus concidadãos, e a minha operação, por ser mais modesta, é mais segura."

Disse a Marcos, um armazem com quinhentas mil liras de mercadorias, e uma floresta de sobreiros de dois mil hectares. E isso é o principal. Ha ainda mais algumas coisinhas. Nada em bancos. Se tu quizeres assim, a filha será tua. Ella é bastante rica para dois, e nada é mais bello para os Uccelli.

Mascos acceitou.

No dia seguinte, Paulo, sem suspeitar da combinação com o irmão, declarou a Don Cosimo que desposaria Santina.

— Escolha, disse o velho á filha.

— Está escolhido, respondeu ella. Caso-me com o mais velho.

A ambição a subjugava. O pae se deslumbrou e se perturbou.

O negocio é magnifico, é o que estava no fundo do seu pensamento. Não teve necessidade de se excusar junto de Marcos: depois da escolha de Santina, ninguem tornou a vel-o. Mas, dois dias depois, á noite puzeram fogo num montão de cortiça junto das paredes do armazem e Don Cosimo perdeu tudo.

O velho sardo gritava tão alto a sua desgraça que Paulo Uccelli reprehendeu-o severamente.

— O senhor não me fará a injuria de pensar que isso me penalisa, disse elle. Quero Santina, sem mais nada. Quanto ao senhor, ainda lhe resta bastante, Don Cosimo.

Quinze dias antes do casamento a floresta da Giudecca ardia. Dois mil hectares, cem mil pés de sobreiros, uma renda liquida de cincoenta mil liras tanto nos annos bons, como nos máos. Don Cosimo pensou enlouquecer. Correu para o incendio, e voltou com os cabellos e as sobrancelhas chamuscados. Bem que tinham visto pessoas pôr e atiçar o fogo, mas o processo, seguindo molemente, nada esclareceu.

— Si o meu inimigo queria, por força, me fazer desposar Santina, procedeu como devia, disse Paulo.

Restava ao autor desses crimes uma cartada a jogar: matar o mais velho dos Uccelli. O que tentaram honestamente fazer ? Quem tentou ? Marcos ? Só Deus sabe, pois bem se póde imaginar tambem que fosse o velho sardo ou mesmo a filha. Na verdade essa morte teria arranjado tudo. Santina conciliaria o amor e a ambição; Don Cosimo seria provavelmente indemnizado, e Marcos se casaria. O facto é que uma noite, Santina viu Paulo chegar, com um aspecto muito comico, embora sempre com o seu ar digno; largas ataduras lhe cobriam o nariz, o queixo e as faces, e, debaixo daquelles pannos, difficilmente, elle murmurava palavras violentas. No momento em que entrava, ouviu uma correria: alguem deixava precipitadamente o salão de Santina. Sem reconhecer o fugitivo, pensou que era o irmão. Franziu a testa e mostrou os ferimentos, um tiro de pistola que lhe quebrara os dentes e perfurára as faces. Santina começou logo a se desfazer em lamentações. Mas elle pediu-lhe, por meio de gestos, para se calar e retomar a li-

nha que convinha á sua belleza perfeita. Apenas elle tratou de se fazer guardar por homens garantidos e apressou o casamento que se realizou em São João Baptista, com grande pompa. Marcos não assistiu.

O primeiro cuidado de Paulo Uccelli, no dia seguinte do casamento, foi prohibir Santina de sahir de casa; o segundo mandar collocar uma especie de grade munida de uma porta que barrava inteiramente o accesso da escada que conduzia aos aposentos da mulher.

A casa dos Uccelli era uma construcção muito antiga, paredes externas lisas e nuas, tectos ornamentados, cheia de velhos moveis e decorada com máos retratos de obscuros antepassados; devia haver tambem nas janellas algumas grades; a jovem esposa achou-se absolutamente prisioneira nas mãos de um marido aliás amoroso. As grandes e bellas peças onde ella passeiava o seu aborrecimento, tomavam todo o terceiro e o quarto andar de uma das casas erguidas sobre o ponto mais alto da cidade. E por isso eram constantemente visitadas pelos ventos. De um lado, via-se a rua, com veios de aguas sujas, immundicie das casas, o vozerio de creanças, cães, burros e mulheres de preto ou multicores; do outro, a vista dava sobre o caminho em torno do rochedo e, mais longe, sobre o porto que se estendia como um canal a cincoenta metros de cima para baixo.

Santina não sahia, mas iam fazer-lhe visitas de inveja. Padres e Monges, um momento, intervieram, invocando a necessidade, para uma christã, de assistir a missa. Paulo propoz-lhe a sua casa por igreja, ficando entendido que a mulher e elle seriam os unicos fieis, e depois cortou a questão dando-lhes um elephante de ouro que um dos seus ancestraes trouxera das Indias.

Don Cosimo arruinado, era sustentado por Marcos que, elle proprio, por todo alimento, ruminava a sua

miseria. Os criados de Santina, sem Paulo saber, alimentavam o velho homem. Elle foi um dia á casa Uccelli e Paulo ameaçou atiral-o pela escada abaixo. Marcos não era tambem recebido. Grade fechada para todos.

Um dia, Santina tomou a decisão de fugir. Conservava o rosto linto, de linhas puras, fórmas firmes, mas a reclusão a havia engordado e tornado pesada. Ella não confiou a sua idéa á nenhuma empregada. Aquella alma forte não procurou nenhum ponto de apoio, sinão, talvez, na certeza de que o amor de Marcos não diminuira. Lembrou-se de rasgar os lençóes da cama e descer por elles até o caminho do rochedo onde, de tempos em tempos, soluçava o bandolim de Marcos e asylar-se em casa de Don Cosimo. Paulo possuia uma casa de campo perto de Porto-Vecchio. Poderia sem duvida, ficar lá sob a protecção do pae, do cunhado e de alguns parentes.

Infelizmente o marido seguia-a quasi que constantemente de quarto em quarto, era preciso agir com rapidez. E a gordura, o peso a atrapalhavam. Quando estava suspensa na metade do terceiro andar, os lençóes se romperam, ou se desamarraram, ou, talvez, fossem cortados. Uma quéda, um grito.

Os visinhos correram. Paulo foi um dos primeiros, e, logo, com o rosto impassivel, deu ordem para carregarem Santina para cima. Ella apresentava as duas pernas quebradas e cerrava os dentes de dor. Qundo chegou o momento de atravessar as grades, os homens que a carregavam, passaram o fardo aos criados da casa.

O pratico do lugar encerrou as duas pernas quebradas num apparelho de madeira que se assemelhava perfeitamente a uma longa coxa presa ás cadeiras de Santina por uma multidão de tiras. Depois, como estivesse bem visivel que as pernas não ficariam direitas, foram buscar um medico italiano em Santa Thereza, do outro lado do mar. Esse homem, celebre pela habilidade, quebrou de novo uma das pernas para poder endireital-a. Santina não supportou esse tratamento que, de resto, recusára e, quando sentiu quebrar-se o osso, de raiva, esbofeteou o seu carrasco. Mas a cidade encheu-se dos detalhes da cura assombrosa.

Don Cosimo e Marcos viram na quéda de Santina o signal do furor de Deus, mal disposto com ella. Isso pôz o velho Sardo apatetado e tornou Marcos blasphemador e libertino. Quando o medico de Santa Thereza foi ver a signora Uccelli, Don Cosimo, de cama e sem se poder mexer, mandou pedir-lhe que passasse para vel-o. E o medico não lhe occultou que a filha estava seriamente doente e que as complicações eram assustadoras para o lado dos pulmões obstruidos, com a aggravante della recusar todos os alimentos e mesmo de se deixar tratar por meio de ventosas e causticos, como era preciso.

Na cabeceira de Don Cosimo, o medico notou uma figura sombria: era Marcos Uccelli, de cotovellos sobre o espaldar do leito. De começo immovel. Depois, quando o medico terminou o discurso, jurou por Christo que era a maior ignominia que já se vira na terra. Na tarde seguinte, Don Cosimo se fez transportar á casa dos Uccelli. O povo se amontoava em torno da maca e elle chegou á porta de madeira trabalhada, seguido de centenas de pessoas que se comprimiam na sua estreita. Um homem tomou a dianteira, subiu a escada, e, cerimoniosamente, em frente á grade:

— Don Cosimo pede ao senhor Paulo de se dignar recebel-o...

Paulo com as faces estufadas, appareceu, olhou o emissario, esbravejou:

— Será uma caridade, disse o cura que se approximára tambem com dois ou tres velhos.

— Senhor cura, disse Paulo, si Don Cosimo subir, será recebido por isso.

E mostrou o fuzil.

Ouviram, então, a voz de Santina:

— O Pá, o Pá, piedade! Deixe vir o meu pae, peço-te. Vou morrer, deixe-o vir. Oh! si eu pudesse caminhar! Mas então não existe Deus! Que faz Deus? Assassino! Assassino!

E a bella voz gritava atravez da porta bruscamente fechada.

(Continúa no proximo numero).

Na recepção offerecida aos aviadores do "Duque de Caxias" depois de elles receberem a condecoração do governo do paiz irmão

Na Legação Brasileira no Equador

Em baixo: festa de 15 de Novembro, que teve a presença das altas autoridades de Quito e do Corpo Diplomatico. Na photographia está o Ministro Gustavo de Vianna Kelsch com os seus illustres convidados.

A Senhora Léa Azeredo Silveira com as suas alumnas de canto que ella apresentou com exito no salão do Botafogo F. B. Club

Na festa de Reis do Atlantico Club

Na Cidade

Martim Luz

UMA mulher. O cabello estylisado, pendurado da fronte alta. As vestes esvoaçantes. Gestos cabalisticos. O silencio que prepara a emoção. A mascara.

Nada disso é a maravilha.

Podia até ser vulgar. Podia até chegar a ser ridiculo.

Mas o silencio immenso escuta a musica do primeiro verso...

Ah! A maravilha é a voz!

A magia é a voz!

A voz meiga, immensa, clara, sonora e retumbante.

E' a voz.

A voz que vem de longe, quando sussurra, que estridula quando grita. A voz sem labios, solta no espaço, como um som que ficasse cantando por conta propria.

A voz que esconde a dansa larga das vestes largas, que faz dos labios apenas um pretexto inutil.

A voz que é tudo.

A voz que tem lagrimas. Que se contorciona num bailado de rythmos. Vive.

E faz da vida ephemera das palavras a belleza dos poemas, a belleza que fica cantando...

Berta Singerman estreou no Rio, mais uma vez, na quinta-feira da semana passada.

E mais uma vez o Rio a applaudiu com o delirio da sua admiração.

A voz maravilhosa fallou para a emoção de todo o Theatro Lyrico os poemas do programma.

No "Corvo" de Poe, disse o lugubre medo das horas mortas, no "Romance de los peregrinitos", a suavidade humilde das creaturas do bom Deus e fez a voz alegre, pittoresca, colorida, sentimental, tragica e dolorosa das cidades, nos "Pregões", de Lisboa ("Dia de sol") de Fernandó de Castro, do Rio, de Alvaro Moreyra, e de Buenos Aires, de Alberto Vaccareza.

Foi a propria alma dos poemas de Rubem Dario, Amado Nervo, Arturo Capedevilla e de Santos Chocano, nas suas grandiosas e estridentes "Campanas matinales".

E disse, num rythmo dynamico, a modernidade épica do Polirritmo del iugador de "futbol", de J. Parra dei Riego.

Mas onde a artista foi inexcedivel, onde ella propria foi, toda ella, a essencia do proprio poema, feita em musica e em gestos — luz musical, luz harmoniosa — foi no poema final, na maravilhosa "Exaltación de la luz", de Carlos Sabat Ercasty.

Berta Singerman tem, talvez, innocentemente, a responsabilidade de uma das maiores pragas que deu no Rio ha algum tempo: a declamação.

Deu, como a febre amarella, as santas, o golphinho.

Apenas mais demoradamente. Ainda hoje alguns casos isolados.

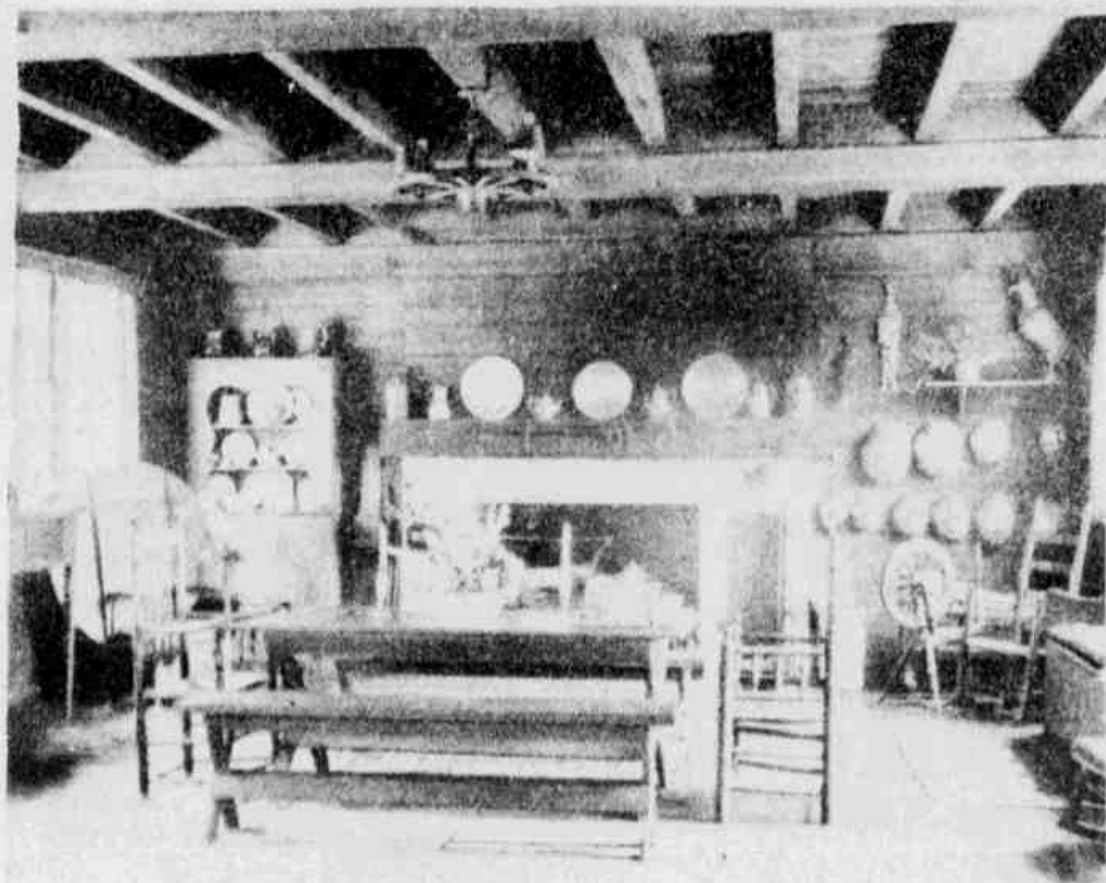
Alvaro Moreyra fez uma satyra admiravel. Não adeantou. A coisa tinha mesmo que parar de aborrecimento.

Não tenho nenhum desejo de ser sincero. Com sinceridade! Porque me tenho sahido mal das vezes em que o fui.

Pois uma das vezes, foi quando achei engraçado um declamador macho que appareceu ahi. Para falar mal de um, generalisei, e todas as mocinhas que se desmancham nos recitaes ficaram muito zangadas commigo.

Que a declamação ainda fosse um agradavel defeito do outro sexo, está bem. Mas quando deu nos homens, foi que eu me alarmei.

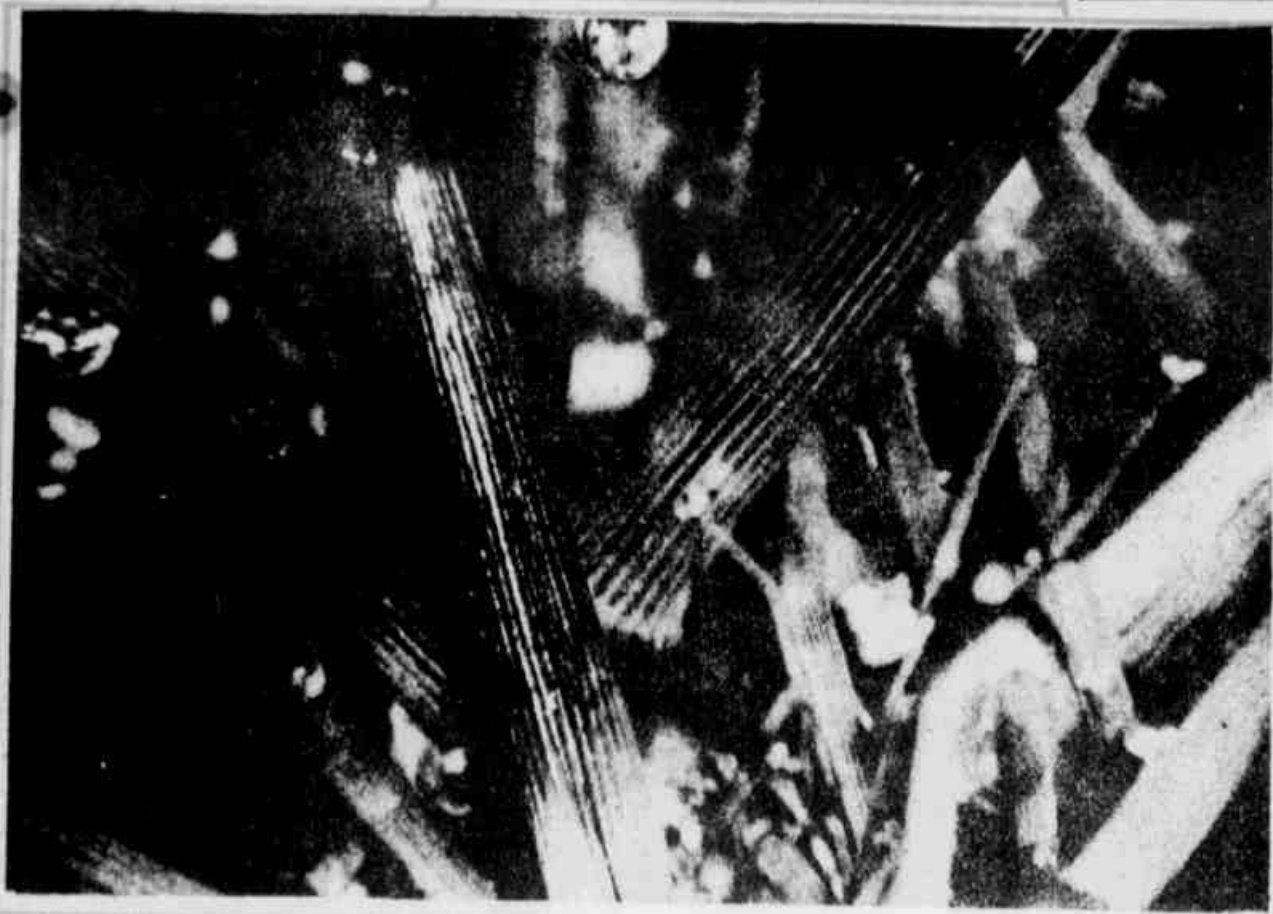
Fóra da cidade

Sala de jantar de casa de verão.

Sala de jantar de casa bretã.

Recanto de casa na serra.

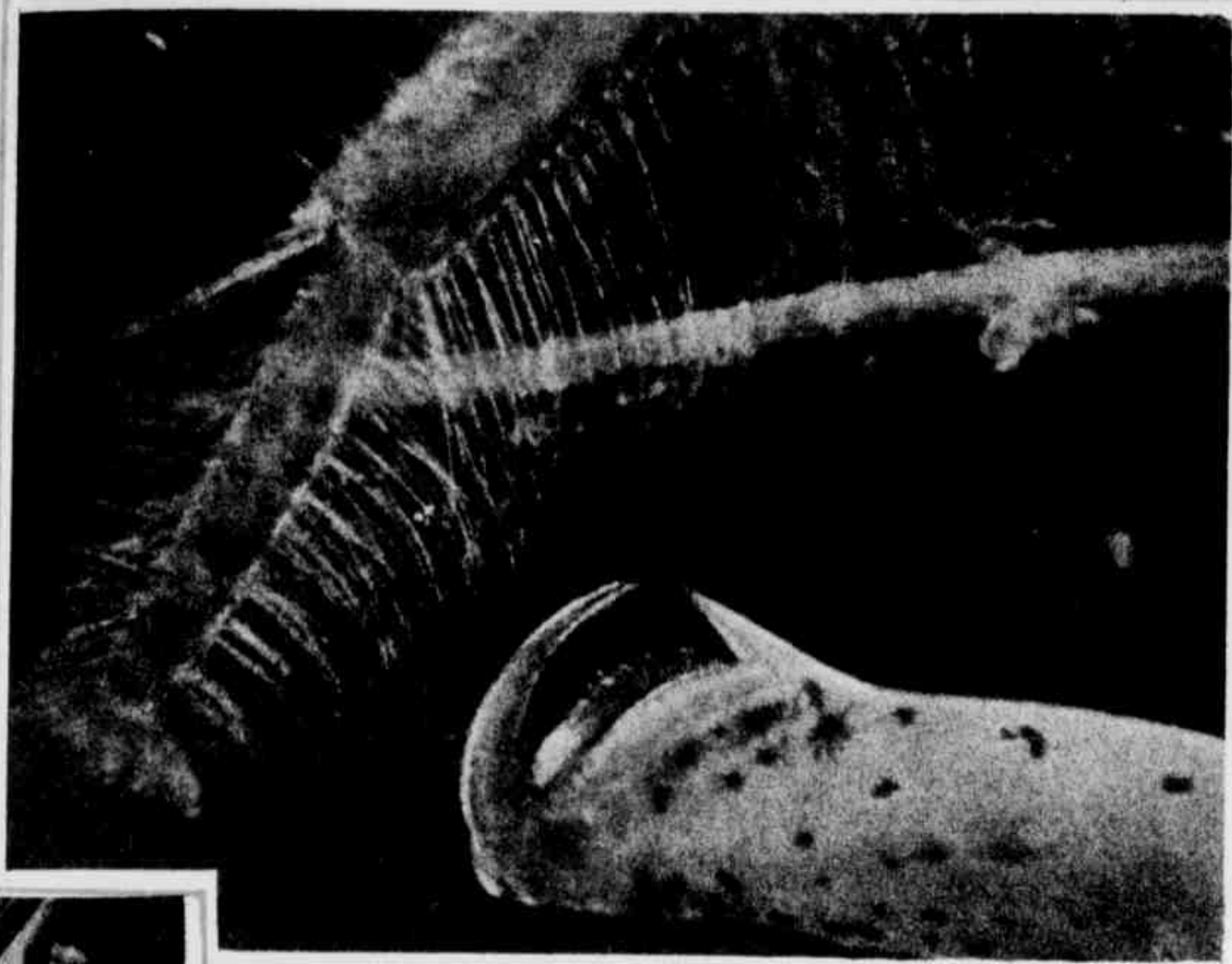
Sala de jantar de casa á beira-mar.

Camarão. Photographia de Jean Painlevé

VOLUPIA interior da agua, disse Novalis. Volupia do contacto com a agua." Os romances cinematographicos de Jean Painlevé nos ajudam a partilhar essa volupia e a abandonar a nossa imaginação ás fantasticas hypotheses de Novalis. Si o idealismo magico leva o nosso espirito a se realisar, a se transformar em força natural, quem sabe si a natureza não é espirito, si ella não teve outrora as suas vontades e as suas intenções, si ella não é "uma cidade petrificada pelo encantamento"? E dessa cidade as creaturas aquaticas não serão o residuo mais vivo, a lembrança mais expressiva? "Talvez todo movimento mechanico não seja mais do que uma linguagem da natureza. Um corpo se dirige a outro mechanicamente, o outro responde mechanicamente, mas em cada um delles o movimento mechanico é secundario, — meio e occasião para uma metamorphose interior, e

Ampliação de espinhos de ouriço

seguimento dessa ultima." A quantas palestras, divertimentos e acções nos fazem assistir as imagens moveis de Jean Painlevé! Mas por mais espontanea e fantastica que pareça essa linguagem, logo se percebe nella, como em toda linguagem, um rythmo, e emfim um estylo e uma arte.

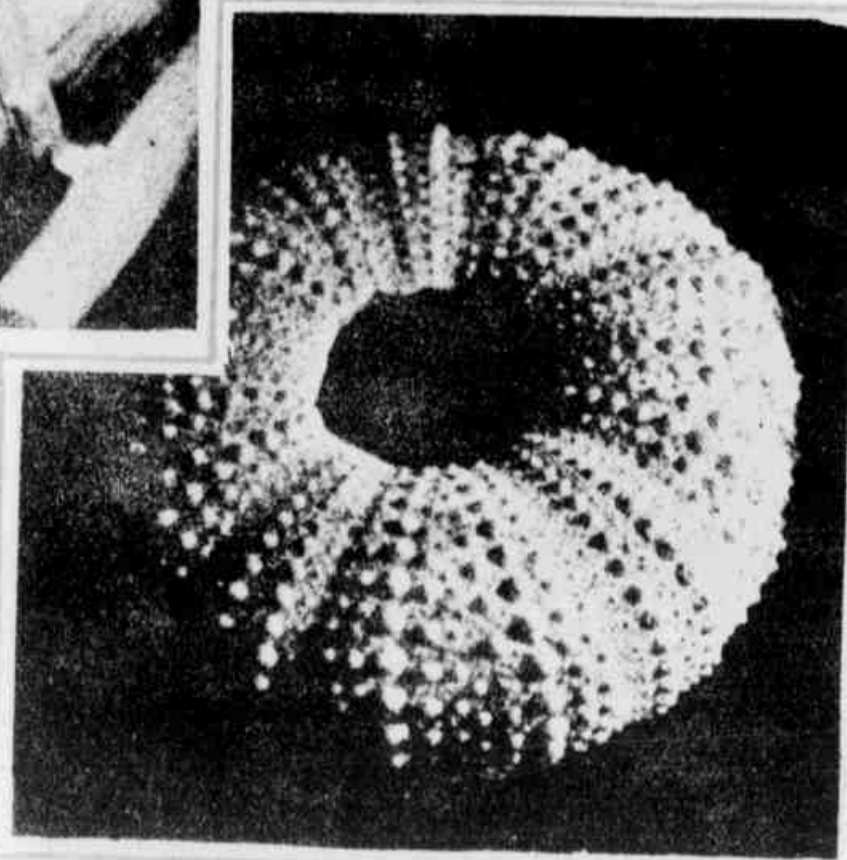
"A arte não é livre", escreveu o pintor Amédée Ozenfant. Sob a verdade infinita das expressões, encontram-se quantidades invariaeis que são maravilhosamente as mesmas para a natureza e para o homem. As descobertas plasticas do espirito obedecem ás mesmas leis que as inversões do mundo physico. O mesmo numero de ouro rége os impulsos da vida universal. Os espinhos do ouriço do mar apparecem acanellados como columnas e não ha na natureza um gesto ou uma fórma que não se componham de elementos symetricos e de vibrações iguaes.

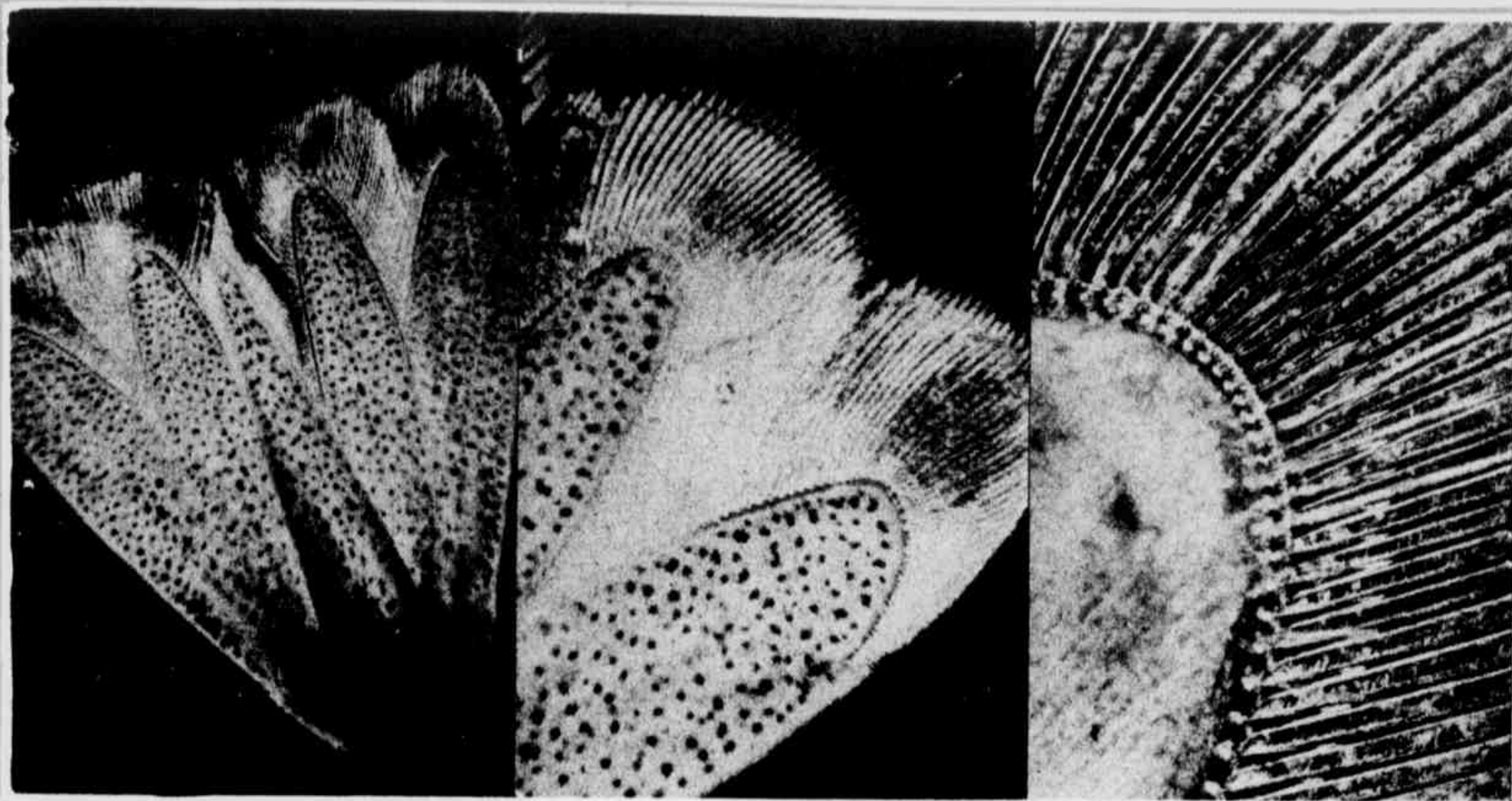
Assim nas creações superiores da arte humana, essa regularidade varia e se desdobra sobre o mais vasto registro. E em certos momentos supremos, que são as obras-primas da civilisação sub-marinha, ella se occulta na prodigiosa fantasia de um bailado. Certas fórmas desabrochadas em penacho, tremulas, arborescentes e multiplas, taes como as do verde spirographo, parecem querer servir, não mais ao rigor, porém exclusivamente á graça. Todos aquelles dedos maravilhosos se desentesam e se estiram e fornecem uma inimitavel imagem de felicidade. E a caprella, pura e schematica como as figuras que Leo Frobenius descobriu nos rochedos da Rhodesia, desenvolve, quando começa a dansar, uma delirante agilidade. Uma alegria cega e insensata anima esses seres cujos divertimentos, semelhan-

Pata da lagosta. Photographia de Eli Lotar

tes aos do genio, vão reencontrar uma lei desconhecida e immutavel. O mesmo Ozenfant que citei ha pouco, conta-nos este extraordinario trecho de Diderot: "Miguel-Angelo, dá ao zimborio de São Pedro de Roma a mais bella fórma

A ARTE

possivel. O geometro da Hire impressionado por essa fórma, traça a planta e acha que essa planta tem a curva de maior resistencia. Que foi que inspirou essa curva a Miguel Angelo, entre uma infinidade de outras que elle podia escolher? A experiencia quotidiana da vida. E' ella que suggere ao mestre carpinteiro, como ao sublime Euler, o anglo de escora no muro que ameaca ruina; é ella que ensinou a dar com o auxilio do moinho a inclinação mais favoravel ao movimento da rotação."

Assim somos levados aos sonhos de Novalis e a idéa de uma troca obstinada e perdida entre o arremesso mais voluntario do nosso espirito e os principios mais severos

Ouriço dobrado. Photographia de Jean Painlevé

(f l o r e s, organismos marinhos, corpos humanos)." Assim, é nas profundezas dos oceanos que nasce a figura que nos é mais familiar, aquella pela qual nos exprimimos mais directamente, esse pentagono onde, desde as mais antigas e mais secretas lembranças, inscrevemos a estatura do homem-microcosmo, medida e espelho de todas as coisas.

Ampliações da cauda de camarão

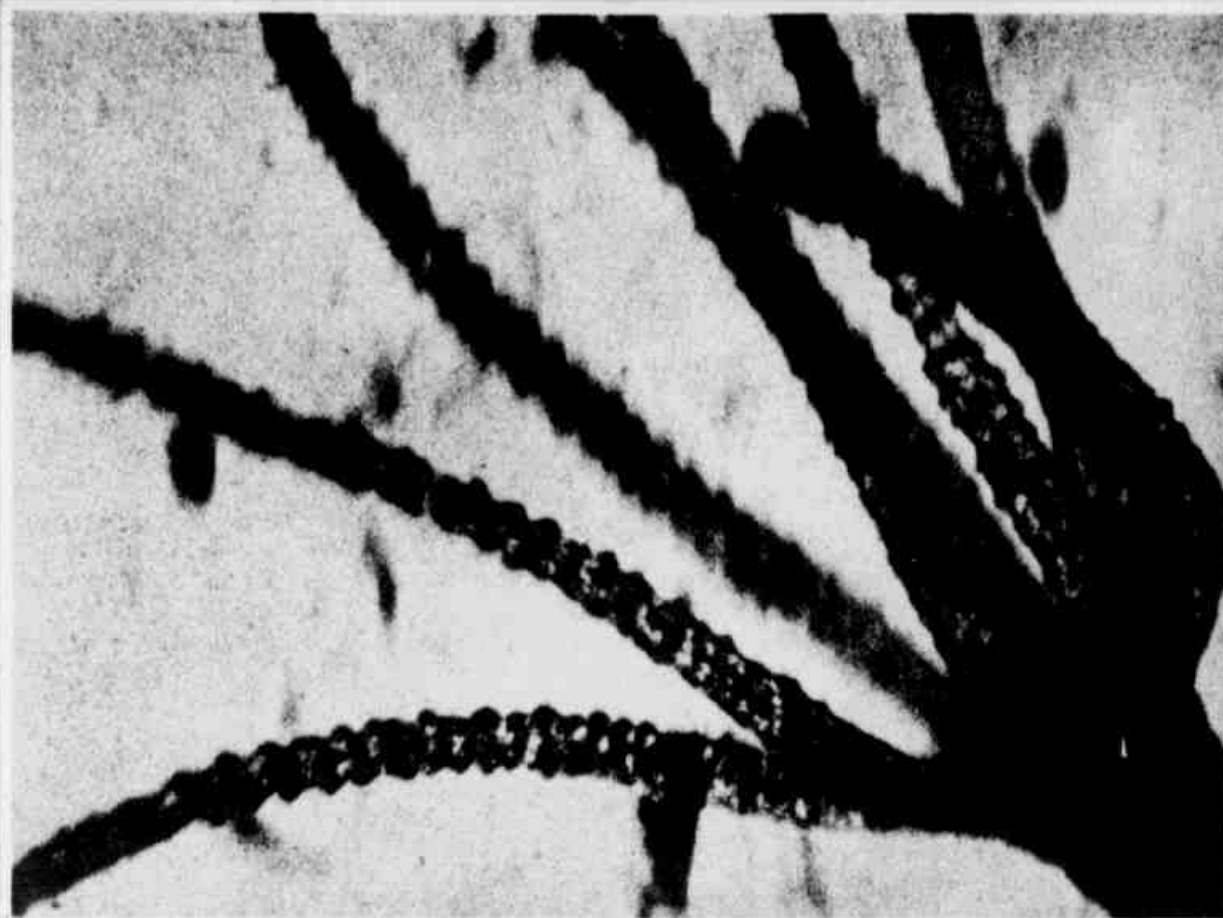
da natureza. Essas interferencias exercem suas tentativas no interior de um mesmo todo, e o erro não existe. Não ha erro como não ha morte. Não póde haver erro. A nossa imaginação, mesmo durante o somno, mesmo na loucura, póde chegar a crear realidades, indiscutiveis, fortes, poderosas e concretas realidades. E as fórmas mais longinquas e as mais elementares da natureza pódem parecer animadas de uma formidavel inspiração artistica. Cabe-nos nos mettermos na escola delles, como nós nos mettemos na escola de um seculo desapparecido ou de uma região apenas descoberta, como nós nos mettemos na escola dos gregos, ou dos japonezes, ou dos negros, como nós nos metteremos na escola dos atlantas.

A arte decorativa, a arte plastica, a arte dramatica dos animaes sub-marinhos convém aos nossos olhos, ao nosso gosto, ao nosso rythmo. Contemplando-a encontramos o mesmo prazer emotivo e a mesma satisfação intellectual que marcam para nós tudo que é do nosso planeta e mesmo, mais particularmente, tudo que sahe da nossa mão. E' o prodigioso serviço da microcinematographia, sobretudo quando manejada por um artista como Jean Painlevé, que nos permitte estudar do mais perto possivel, esse inexgottaveis mestres da harmonia e de movimento que espalham, no fundo do mar, os thesouros do seu genio.

Um especialista das mathematicas estheticas poderá examinar detalhadamente as producções desse genio, e distinguir aspirações diversas, fórmas estaticas e fórmas mais livres, separar o

SUB-MARINHA

por JEAN CASSOU

que é classico do que é romantico, mostrar na superficie de tal concha ou no conjunto de tal architectura ornatos e symetrias absolutamente invariaveis emquanto que, como no penacho do spirographo, movimentos diversos e contradictorios parecem emanar de um mesmo centro e divergir para alguma obscura nostalgia. Verificará tambem, no campo do mundo sub-marinho, a affirmação de Werner, repetida por Novalis, — que, decididamente, sabia tudo —, sobre "a predilecção singular que manifesta a força plastica do reino animal pelo numero 5, particularmente na familia dos mariscos." Ao contrario a natureza plastica da atmosphera" se exprime pelo numero 6 (estrellas das echidnas e flocos de neve; neve artificial; crystallogie)." Essa conclusão fundamental foi recentemente confirmada por Matila C. Ghyka, nos seus admiraveis estudos sobre a tradição pythagorica. "Os estados de equilibrio de todo systema material physico-chimico inorganico" attingem configurações "do typo cubico ou mais commummente hexagonal." E "nos systemas que contêm materia organisada, da vida, encontramos muitas vezes fórmas fundadas na symetria pentagonal, isto é, no thema asymetrico da Secção dourada

Ampliação dos tentaculos da hydra de agua doce

Caprella. Photographia de Jean Painlevé

A almofada magica

CONTO CHINEZ

UM dia úm velho sacerdote que mendigava se deteve na porta de um albergue, junto de uma carreta, collocou no chão a sua almofada e se sentou nella, deixando o alforge ao lado. Pouco depois chegou ao albergue um jovem da visinhança. Era um lavrador, que vestia roupas curtas e não uma tunica ampla como a dos sacerdotes e dos homens illustrados. Sentou-se perto do ancião e minutos depois os dois falavam amistosamente. De repente o jovem olhou

para as suas roupas de panno grosso e exclamou com tristeza.

— Sou na verdade uma misera creatura.

— Pela apparencia estás com saude e não te falta comida, replicou o sacerdote. Não sei porque, no meio da nossa palestra agradavel, te queixas da sorte.

— Crês, por acaso, que é agradavel, disse o jovem, a vida que levo, trabalhando da manhã á noite? Queria ser um grande general e ganhar batalhas; ou um homem muito rico, que passasse as horas em doce ociosidade ouvindo musica; ou um dignatario da côrte, a serviço immediato do imperador, em um cargo que trouxesse a prosperidade para a minha familia... Isso é que chamo ser feliz. Quero elevar-me de posição, mas vejo-me condemnado a ser sempre um pobre lavrador. Sou na verdade uma misera creatura!

Calou-se e dahi a instantes cabeceava somnolento.

Emquanto o hoteleiro preparava a sopa de milho, o sacerdote tirou do alforge uma almofada e disse ao jovem:

— Apoia a tua cabeça nesta almofada e verás realisados os teus desejos.

Era uma almofada de porcellana, como um tubo, e aberta nos dois extremos. O jovem deixou cahir a cabeça sobre ella e no mesmo instante uma das aberturas lhe pareceu ampla e illuminada como a entrada de uma casa. Entrou por essa abertura e se encontrou na sua propria casa.

Pouco depois se casou com uma formosa jovem e começou a ganhar muito dinheiro. Vestia ricas roupas e dedicava o tempo ao estudo. No anno seguinte fez concurso e foi nomeado magistrado. Ao cabo de dois ou tres annos subiu a primeiro ministro. Durante muito tempo foi a pessoa de confiança do imperador, que o cumulava de favores. Mas um dia cahiu na desgraça. Accusaram-no de traição e foi condemnado á morte. Levaram-no, em companhia de outros condemnados, no logar da execução, cahiu de joelhos emquanto o verdugo se approximava com a espada levantada... Foi tal o terror que o invadiu nesse momento, que abriu sobresaltado os olhos... e se viu na porta do albergue. Junto delle estava o sacerdote e, a pequena distancia, o hoteleiro continuava preparando a sopa. Servida a sopa, o jovem tomou-a em silencio, e, em seguida, levantou-se, saudou com uma reverencia o sacerdote e disse-lhe:

— Obrigado pela lição que acabas de dar-me. Agora comprehendo o que significa ser uma figura. Dito isto se despediu e voltou tranquillo á sua faina diaria.

CASAMENTOS

Carmen Souza Lopes
com
José Victor Rosa

Em cima: a Noiva com a sua côrte. Em baixo: o novo casal.

Ivette Echerard
com
Fausto Capanema

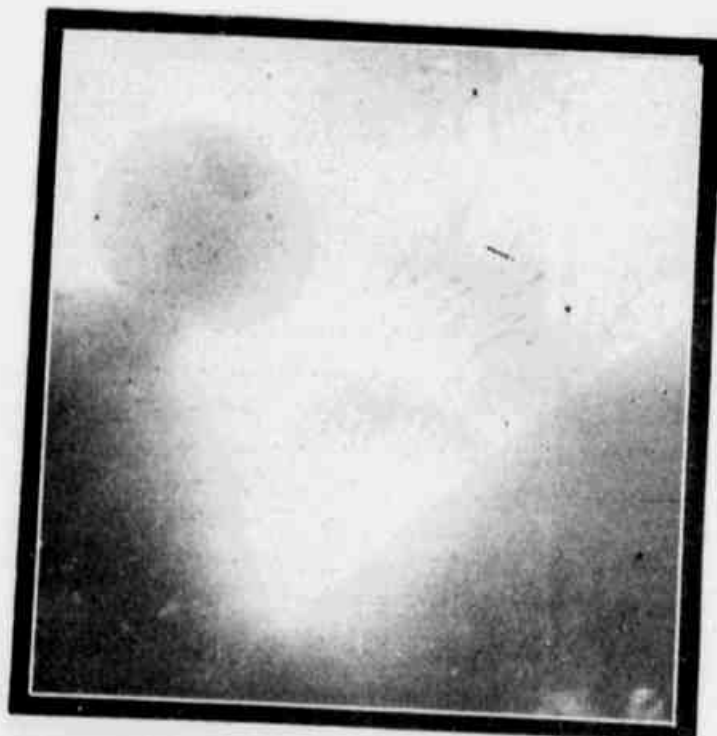
OUTRA-ESTATUA-[...]
2-VEZES-MAIOR-Q-A[...]

Aqui o Dr. Raul Bergallo... muito prazer em conhecel-o.

"que por perigos e guerras esforçados passaram muito além da Trapobana"...

Parece que Camões já andou na matta do Corcovado.

——

A ladeira do Ascurra foi-se esticando sem pena debaixo dos nossos pés. Meus, do Correia Dias e do pintor Orozio Belém. No Sylvestre, descanso para almoço. A neblina está escondendo o resto da viagem para preparar uma surpreza. Orozio Belém desiste da subida e volta no primeiro bonde. Nós continuamos. Por cima de pedras que escorregam, debaixo do chuvisco miudo como fubá cahindo no rosto. Vamos subindo. Uma garganta nos engole, cheia de avencas, e nos volve, mastigados, no meio da succursal do Corcovado, onde fica a matta propriamente dita.

Carlos Lacerda e Betafogo. Uma photographia artistica de Correia Dias que sahiu sem querer. Desculpe.

Tres paus fincados em volta de um mastro. Um trapo de panno finge de bandeira tremulando aos ventos para emocionar os patriotas. Num instante apparece uma nova bandeira, com o desenho do indio e esta legenda: "reportagem Para-todos e Diario de Noticias. Carlos Lacerda e Correia Dias. 9-1-32". A neblina, o nevoeiro, a bruma, o "fog" .. Quanto nome para uma coisa tão cacete!

——

Agora começa a subida. Vocês podem repetir aqui os versos do fallecido Luiz de Camões. Que coisa tão difficil. Está me dando uma vontade de escrever o "Cantico de Tupan na Esquina do Corcovado". As arvores estão se misturando. Descobrimos uma clareira onde os personages de José de Alencar não se esqueceriam de parar para dar graças a Deus. Nós não

Correia Dias no ponto culminante na excursão, á beira do precipicio, dentro do nevoeiro. Elle não gostou porque foi ao Corcovado e não viu o indio. O que é peor que ir a Roma e não ver o Papa.

somos personagens de José de Alencar. Vamos subindo Mas isso já nem é mais uma subida. E' uma ascenção. Os cipós estão dansando, estão crescendo, estão brincando de fazer de conta que são cobras. Cada susto!

Um pio. O inhambú está piando dentro da matta. Eu não disse que era serviço de guarda civil. Está avisando os outros que nós vamos passar. Nossa Senhora me proteja. (E eu que esqueci de arranjar uma carta de apresentação com

Correia Dias pintou este quadro.

o Dr. Tristão de Athayde). Mas ella não deixará a onça me comer. Eu nem tenho medo. Tenho receio. Fica mais bonito dizer que é terror cósmico, porque aquelle mundão em cima de nós nos assusta Nós ficamos como passarinhos em dia de tempestade. Mas vamos subindo cada vez mais. Tupan está nos protegendo.

——

A neblina está nos vestindo de branco. A neblina vae ficando véu. Vae

Lucilio de Castro, redactor policial do "Diario de Noticias", que morou muitos annos perto do local... do crime.

O Sr. Orlando dos Santos (aquelle da garage) que já é nosso conhecido.

ficando grossa. Vae ficando gente em volta de nós. Vivem sombras brancas na matta verde. Os troncos velhos são graves e inuteis como associações de beneficencia. E aquelle então, grosso daquelle jeito, parece irmã de uma veneravel ordem qualquer. Os arbustos estão com denguices de meninas anemicas cheias de collares pulando corda nos cipós. Eta vida! Vida gorda essa, meu Deus. Meu Deus está em cima. Qual delles?

Correia Dias não quer saber. Vae subindo. Subindo. Onde iremos parar? No indio.

——

Porque o indio existe mesmo. Não é reclame de fabrica de biscoitos nem de monstros submarinos que chegam do Canadá. E' um indio. Cravado na montanha. Ha quem diga que elle é São Sebastião. Outros dizem que é Oxoce da macumba. Um livro que só tem dois exemplares vivos dizia o ultimo Tamoyo quando teve necessidade de sahir da terra, preferiu atirar-se de cima da montanha mais alta. Vocês vão ver que coincidencia.

——

Minha ama me disse. Quando ella era pequena, foi até á beira do morro que fica ajoelhado junto do indio. Foi com seu Julião. Seu Julião morava na ladeira dos Guararapes, num logar chamado Pedra-Saia. Vivia de vender framboza. Não adianta procurar porque seu Julião já morreu.

Mas naquelle tempo elle não tinha morrido. Minha ama era pequena. Calculem onde eu estava... Minha ama era criança. Falou: Ih! Olha um homem

...VA NO CORCOVADO
...O Q. A. DE CHRISTO

ficando grossa. Vae ficando gente em volta de nós. Vivem sombras brancas na matta verde. Os troncos velhos são graves e inuteis como as associações de beneficencia. E aquelle então, grosso daquelle jeito, parece irmão de uma veneravel ordem qualquer. Os arbustos estão com denguices de meninas anemicas cheias de collares pulando corda nos cipós. Eta vida! Vida gorda essa, meu Deus. Meu Deus está em cima. Qual delles?

Correia Dias não quer saber. Vae subindo. Subindo. Onde iremos parar? No indio.

Porque o indio existe mesmo. Não é reclame de fabrica de biscoitos nem de monstros submarinos que chegam do Canadá. E' um indio. Cravado na montanha. Ha quem diga que elle é São Sebastião. Outros dizem que é Oxoce da macumba. Um livro que só tem dois exemplares vivos dizia o ultimo Tamoyo quando teve necessidade de sahir da terra preferiu atirar-se de cima da montanha mais alta. Vocês vão ver que coincidencia.

Minha ama me disse. Quando ella era pequena, foi até á beira do morro que fica ajoelhado junto do indio. Foi com seu Julião. Seu Julião morava na ladeira dos Guararapes, num logar chamado Pendura-Saia. Vivia de vender framboza. Não adianta procurar porque seu Julião já morreu.

Mas naquelle tempo elle não tinha morrido. Minha ama era pequena. Calculem onde eu estava... Minha ama era criança. Falou: Ih! Olha um homem grande ali! Parece que vinha cahindo e ficou pendurado. (Aqui vocês se lembram do ultimo tamoyo que preferiu atirar-se da montanha mais alta da região e fiquem sabendo que isto é um symbolo muito bonito).

Seu Julião corrigiu: "Aquelle indio ficou amarrado ali no tempo do captiveiro. Puzeram elle ali. (Puzeram quer dizer fizeram). Seu Julião era um desses pretos que sobraram do captiveiro exclusivamente para contar historias que mettem medo á gente, emquanto a gente não conhece outras muito mais terriveis. Aproveitou aquelle indio gigantesco para contar a historia do indio amarrado no tempo do captiveiro. Vingança de quem soffreu no tronco.

Seu Orlando da garage mora na Gavea desde 1916. Chama-se Orlando dos Santos. Só descobriu o indio ha tres annos. Elle e os outros companheiros. Desde o principio acharam que só podia ser um indio. E mais ninguem.

O Dr. Raul Bergallo já disse o que podia dizer. Tudo vem confirmar o que nós revelamos.

Lucilio de Castro, meu companheiro do "Diario de Noticias disse: Ué! Vocês não conhecem o indio? Pois olha, eu morei muitissimos annos na Gavea, junto da garage do Seu Orlan-

Carlos Lacerda fingindo que está sendo surprehendido pela objectiva, no momento em que a neblina deu licença para Botafogo apparecer.

O indio visto da casa brasileira do Dr. Raul Bergallo, na rua Getulio (das Neves), Gavea. Se quizer vel-o de perto vá la ou então fique na praça da Bandeira, ou em outro logar.

O indio em proporções humildes. De uma photographia deste tamanho o photographo de "Para todos..." conseguiu fazer esta ampliação. Aos pés do indio a setta indica o roteiro da investida de Correia Dias e Carlos Lacerda pela matta a dentro. E acabou-se.

A CASA DO JORNALISTA

O Dr. Pedro Ernesto assignando a doação do terreno á Associação Brasileira de Imprensa para a construcção da Casa do Jornalista.

do. Sempre reparei no indio, desde o dia em que correu a noticia.

——

Logo o indio existe. E nós vamos vel-o. Estamos subindo. Onde estão as cobras? Esconderam-se, espantadas com a nossa audacia. Por aqui passaram as mulheres, procurando o amor. Por aqui voltaram os indios trazendo a caça morta nos hombros. Por aqui passou o cacique, enfeitado de pennas. Estão passando ainda agora. Passando sem a gente sentir. Continuam passando. Cor de bronze no escuro do matto. Passando sem fazer barulho, mergulhando de baixo do cipó, trepando por cima dos galhos, penetrando nas moitas emmaranhadas. De repente um topete. Vermelho e amarello. E' uma flor de banana do matto. Pena o Pero Vaz de Caminha não ter visto isso.

——

Vamos photographando. A neblina está servindo de roupão para aquella nudez violenta da matta infinita. Subida. Sempre subida. De dois pés. De quatro pés. De rastros. Deitados. Em pé. De gatinhas. Vamos subindo. Salvando a machina de tirar photographias, que rola na nossa frente, e para traz de nós. Me lembrei de Camões (que perseguição!) salvando os "Lusiadas". Em proporções reduzidas.

De repente, impossivel continuar. Ou quasi. Uma neblina. Uma pedreira que não acaba mais. Junto de nós, desafiando, o precipicio, coberto de nuvens, branco, como se tivesse lençóes convidativos. Um nevoeiro cada vez maior. A afflicção. Devemos estar perto do indio. A cada momento temos a impressão de que elle vae apparecer junto de nós. Enorme. Humido. Innocente. Como uma novidade do mundo que apparece deante de nós, enorme, desageitada, com uma innocencia e uma falta de intenção encantadora. E ao mesmo tempo, com um sentido profundo de tempos passados, uma vontade de ser de novo, de tornar a viver, de continuar a vida interrompida, que commove. O indio vae apparecer. Tupan!

——

O indio não appareceu. A neblina castiga cada vez mais. Envolvente como um perfume, ignorante, cheia de pudores e de malicias. Adeus Tupan. Eu tenho certeza de que você está ahi. Eu te vi, ali no meio da neblina que te escondeu, com os pés enterrados na matta que nós occupamos. Eu te vi um momento, um momento tão curto que não chegou para nada. Depois veiu o nevoeiro. E te escondeu de novo. Ia anoitecer. E os teus dominios são mal policiados. A minha terra — esta terra que já foi tua e que te tomaram — tem uma policia muito melhor que a tua. Onde está a tua Delegacia de Segurança Pessoal? E o Gabinete de Identificação? Se uma cobra me morder eu morro sem saber a especie da assassina. Vamos embora. Eu e o teu pintor. Um dia voltaremos ahi. Por emquanto basta a gente te ver lá de baixo e ir dizer aos outros que você existe.

——

A descida. As tocas mysteriosas guardando bichos como segredos desnecessarios. Pois então a gente não sabe que ali tem tatús?

As ribanceiras multiplicam-se, debaixo dos nossos pés allucinados. Os precipicios vão ficando uma porção. Nunca vi tantos. Estamos á beira de um abysmo, como o Brasil. As folhas estão brilhando de molhado. O chão está fofo como um edredon de folhas seccas e de galhos podres. Os espinhos deixam na nossa pelle lembranças da visita, como doces que a gente leva dos anniversarios, para comer no dia seguinte.

——

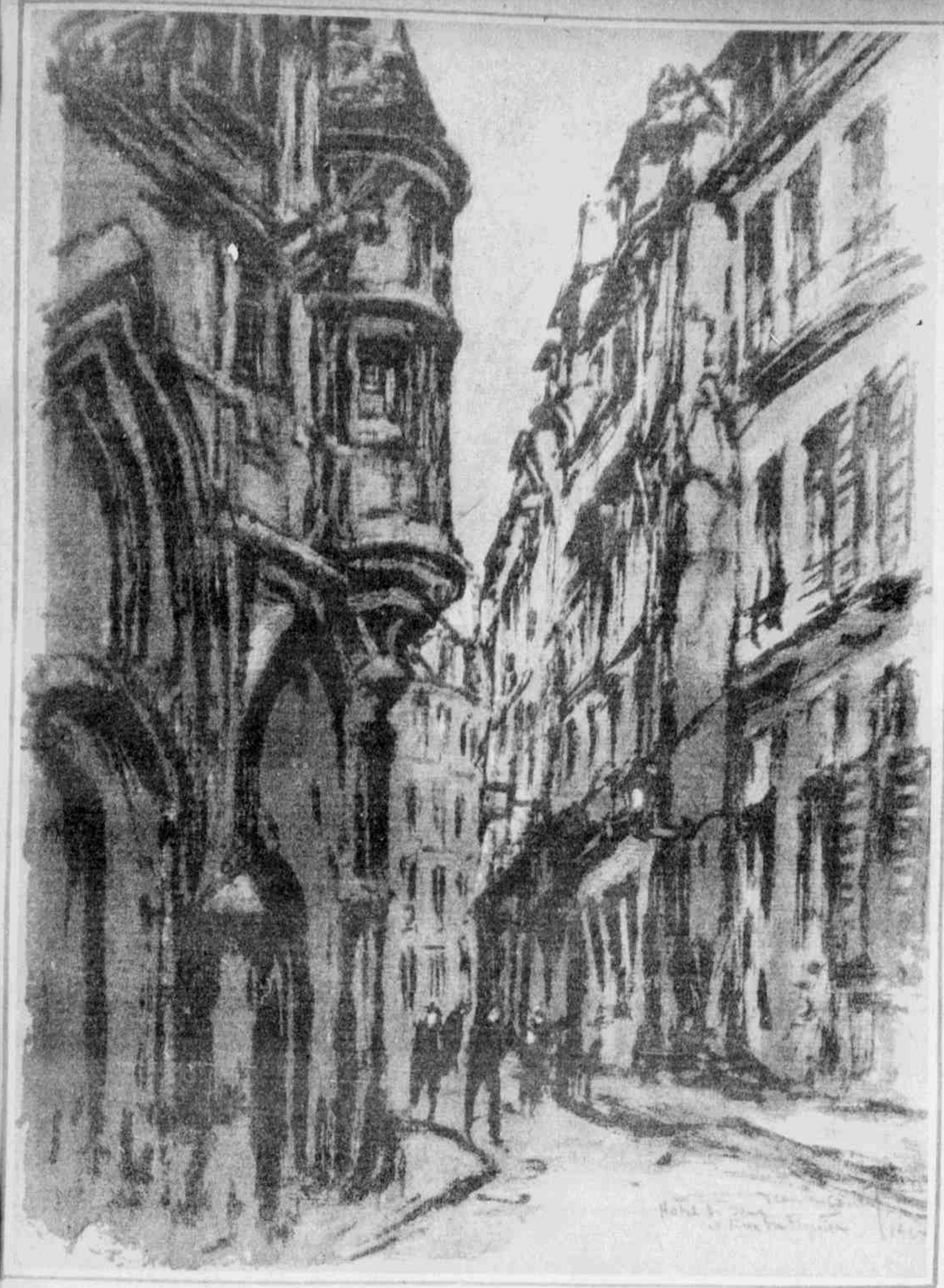
A matta mysteriosa, profunda, onde ninguem nunca entrou... Quem foi que disse? Lá em cima, no ultimo ponto em que conseguimos subir, encontrei uma tampa de lata de farinha alimenticia. Não digo o nome para não fazer reclame. E mais em baixo, junto da clareira dos personagens de José de Alencar estava um pedaço de jornal. Escripto assim: "Amanhã tomará posse o commandante Ary Parreiras, novo interventor do Estado do Rio". E' do dia 14 de Dezembro de 1931. A matta já lê jornaes. E com certeza está gritando pela Constituinte. Só os macacos é que são contra ella. Porque acham que não é conveniente sahir cada um do seu galho, neste momento solemne.

——

Lá de baixo chegam as buzinas. E uma banda de musica soprada no quartel de São Clemente. Tudo pequeno, apagado na distancia. Os sons chegam com abafadores. E nós vamos descendo. Até não termos mais onde descer.

——

O indio está lá em cima, desafiando o tempo. E desafiando todos os seus netos. O indio que não quiz apparecer deante de nós, humido, innocente como uma novidade do mundo revelada de repente na nossa frente. O indio do Seu Julião que veiu de antes da princeza Isabel.

Tupan ficou lá no alto. E nós descemos para vel-o daqui. Tupan ficou lá em cima, inviolavel, sereno, olhando todos os segredos das nuvens, enfrentando todas as tempestades, desmanchando seculos enormes e vontades impossiveis.

PALACIO DE SENS E A RUA DO FIGNIER.

Imagens do velho París

André Hallays

DESENHOS DE J. Ch. Contel

SEM remontar aos tempos longinquos em que Montmartre se estendia até ás hortas da rua Grange-Batelière, podemos ressussitar a colina dos primeiros annos do seculo dezenove, tal como a viu e reproduziu nos seus quadros e desenhos, o paizagista Georges Michel, que por isso foi baptizado "o Ruysdaël de Montmartre": uma elevação cheia de barrancos onde os pedregulhos de gesso haviam formado cavernas profundas, abrigo de vagabundos e de patifes, e onde, entre os montões de coisas desabadas, atravancando e obstruindo tudo, distinguiam-se campinas, charcos, vinhedos, moinhos e quintalejos.

Logar estranho que desappareceu no dia em que as pedras começaram a acabar e quebrar, arrastando com ellas quintalejos e moinhos. Consolidaram o melhor possivel as abobadas das grotas e fecharam a entrada das cavernas. Depois uma aldeia suburbana se edificou nos escarpamentos da colina. Entre as ruinas onde dantes viveram trabalhadores em gesso, e as "folias" abandonadas depois da Revolução, elevaram-se casinhas de campo com tres castanheiros e um jardimzinho e varanda, tudo isso em terrenos accidentados, ao longo de caminhos montanhosos. Desde então, Montmartre ficou sendo o recanto predilecto dos poetas, dos musicos, dos pintores e dos esculptores perseguidos por Vontour. Bohemia e romantismo collaboraram para crear a lenda da "colina sagrada", lenda que não morreu, até hoje que nada mais resta da paizagem cantada por Gerard de Nerval pelo anno de 1850.

"Ha, escreveu Gerard, cabarets, moinhos e caramanchões, elyseus campestres, ruelas silenciosas,

A PRAÇA DO TERTRE, EM MONTMARTRE.

guarnecidas de cabanas, de granjas e de jardins copados, de planicies verdes cortadas de precipicios com nascentes filtrando-se na argila, separando os montes de verdura onde se divertem as cabras que comem o acantho suspenso nos rochedos; meninas de olhar arrogante, pé montanhez, as vigilantes brincando entre ellas. Vê-se até uma vinha, a ultima da herdade celebre de Montmartre, que lutava, no tempo do Romanos, contra Argenteuil e Suresnes... As encostas, fendidas cá e lá, accusam o amontoamento do terreno sobre antigos pedregulhos; mas nada é mais bello do que o aspecto da grande colina quando o sol illumina os terreno de ocre vermelho com veias de gesso e de saibro, as rochas desnudadas e algumas arvores ainda muito copadas serpenteadas por barrancos e atalhos..."

. . . .

Esse quadro, talvez um pouco embellezado pela imaginação de Gerard de Nerval, não é mais do que uma lembrança. Restam apenas dois moinhos, e são esqueletos de moinhos: conservam-os com curiosidades archeologicas. O unico "elyseu campestre" é um vulgar "dancing". Ha ainda ruelas silenciosas, mas guarnecidas de muros desabando e de sebes cahindo e por traz, terrenos devolutos mostram a lepra e a sujeira. Os "cabarets" estão todos installados na vizinhança do boulevard exterior, e esse Montmartre, o Montmartre dos cançonetistas, só de muito longe recorda o dos romanticos. Onde estão as cabanas, as granjas, as cabras, e as meninas de pés montanhezes? Onde, a ultima vinha? Onde as nascentes filtrando na argila? Um formidavel reservatorio, construido ao lado do Sacré Cœur, distribue agua da Dhuys aos habitantes de Montmartre.

Gerard de Nerval já via as casas novas avançarem "como o mar diluviano que banhou os flancos da antiga montanha, ganhando pouco a pouco os recantos onde se tinham refugiado os monstros informes reconstruidos depois por Cuvier"..

Caminharam em oitenta annos, as "casas novas" que começavam então a invadir "a antiga montanha".

. . . .

Para o lado do Sul, a irrupção parou porque a Prefeitura de Paris decidiu transformar o declive do Sacré Cœur numa vasta praça pittoresca, mas interdicta aos asthmaticos e aos cardiacos. Si, para o lado do Norte ainda apparecem algumas arvores é devido á "crise de construcção".

Do velho Montmartre existe ainda a linda igre-

ja de Saint-Pierre, o pequeno cemiterio do Calvario, duas ou tres ruas da velha aldeia, algumas mansardas da rua do Mont-Cenis e a praça do Tertre que guardou a singeleza de pequena praça de provincia. O prestigio do nome de Montmartre é tão grande que, que, nos recantos encantadores, assim que começam os bellos dias, vêem-se sahir da terra uns vinte cavalletes em cada esquina. Louvemos o zelo de todos esses artistas. Quantas imagens bellas e verdadeiras, que guardam a recordação dos ultimos aspectos de Montmartre, devemos a Contel: daqui ha dez annos tudo terá desapparecido; e, até na nomenclatura das ruas, selvagens apagarão tudo que poderia evocar os caminhos, os atalhos, os jardins e as fontes da aldeia demolida. . . . .

Palacio de Sens. . . . .

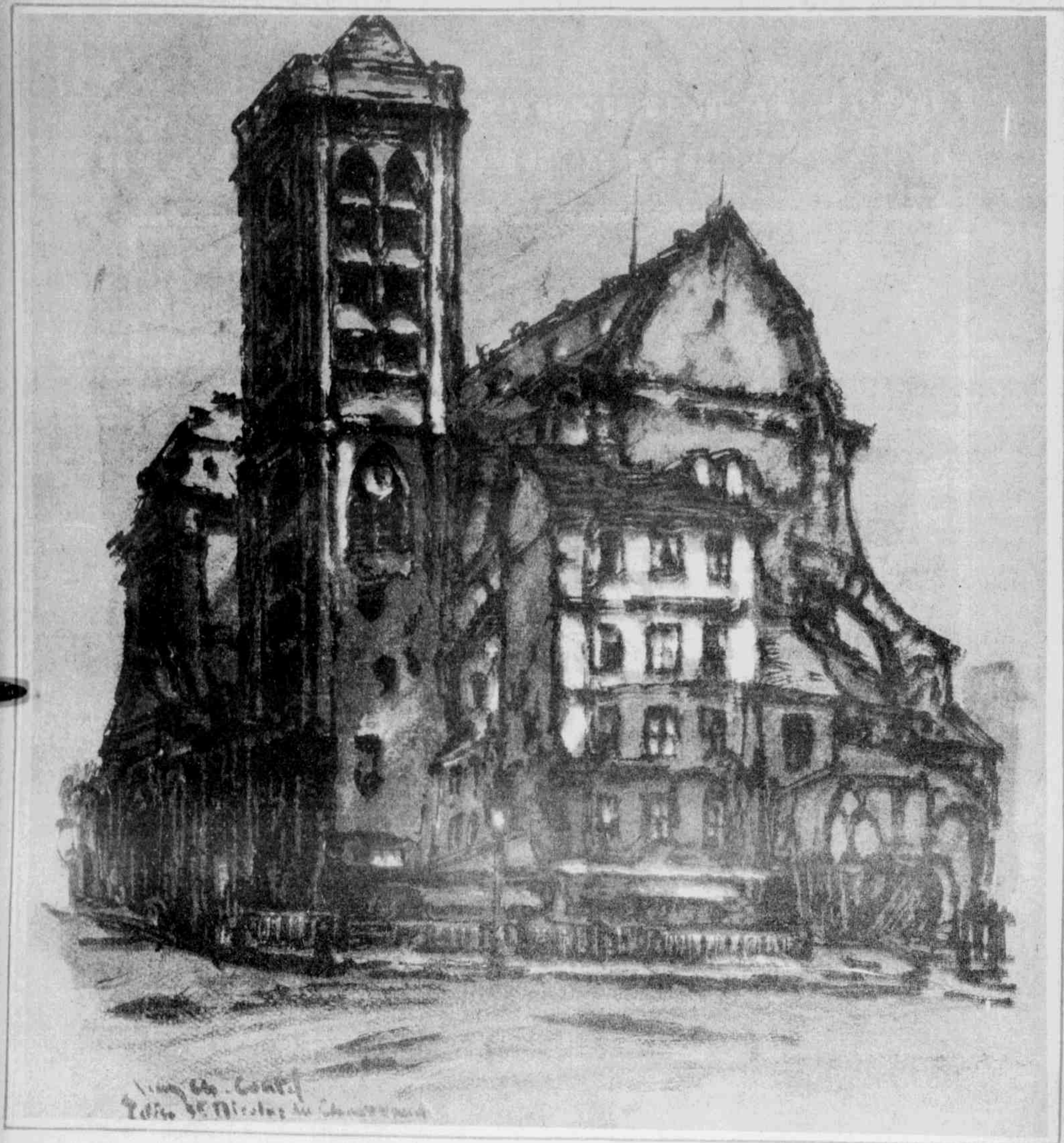
Na esquina da rua do Fignier e da rua da Mortellerie (hoje Hôtel-de-Ville eleva-se um portal de de fórma ogival com duas torres como pimenteiras salientes: é tudo quanto resta do Palacio dos arcebispos de Sens que foi, no tempo do Renascimento um dos mais bonitos de Paris. No edificio horrivelmente devastado, vê-se ainda uma escada de caracol e, no pateo, uma guarita ameiada; mas si tantos artistas e archeologos se commoveram com a desgraçada sorte do Palacio de Sens, é sobretudo por causa da estreita fachada, robusta e delicada, uma das mais emocionantes reliquias do Velho Paris.

No seculo dezenove, o Palacio abrigou successivamente uma empresa de carretagem, uma lavanderia, uma fabrica de conservas, uma fabrica de confeitos, um deposito de vidros, e passou depois a pertencer á Prefeitura de Paris. O seu destino não melhorou, pois a Prefeitura não póde espulsar os locatarios, que continuam o bello trabalho de degradação tão bem iniciado pelos carreteiros, as lavadeiras, os confeiteiros... Pessoas que desprezam os architectos se consolam com a idéa de que o dia da "restauração" ainda não está proximo! . . . . .

— Saint-Nicolas-du-Chardonnet.

"Chardonnet" e não "Chardonneret" como dizem muitas pessoas que imaginam que São Nicolas aprisionava os pequenos passaros e ás quaes não se fará nunca acreditar que fazia brotar outrora, cardos no logar do boulevard Saint Germain.

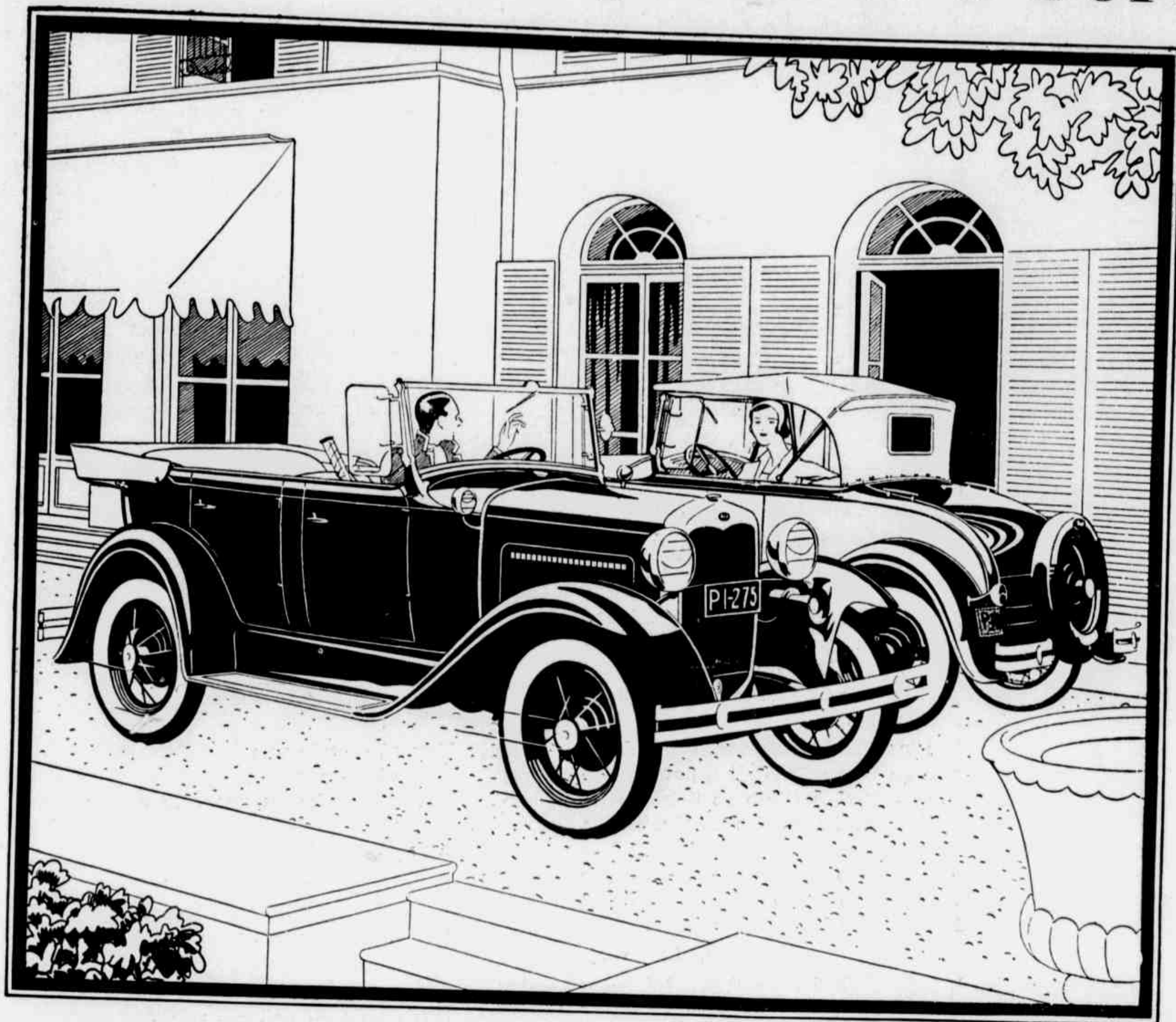
E' uma igreja que não foi terminada, não tem portal e a pobre fachada está um pouco occulta por uma velha casa; a sua abside, reconstruida no segundo Im-

A CASA DE MUSETTE, EM MONTMARTRE.

IGREJA DE SAIN-NICOLAS-DU-CHARDONNET.

perio, se apresenta ás avessas, no boulevard Saint-Germain. E' desprovida de estylo, despida de belleza, mas, com a torre quadrada e as pequenas construcções parasitas, forma, digamos melhor, formava e punha um pouco de pittoresco num bairro novo e faustuoso. Agora querem desembaraçal-a; já demoliram o edificio do antigo seminario ao qual estava ligada, e, naturalmente pensam em dar-lhe um portal. Não terá com isso nem mais estylo, nem mais belleza, mas adeus o lindo quadro!

No interior de Saint Nicolas está o mausoléu que Le Brun desenhou em memoria da sua mãe, esculpturas de Sarrazin e de Girardon, pinturas de Le Brun, de Coypel, de Restout e de Corot.

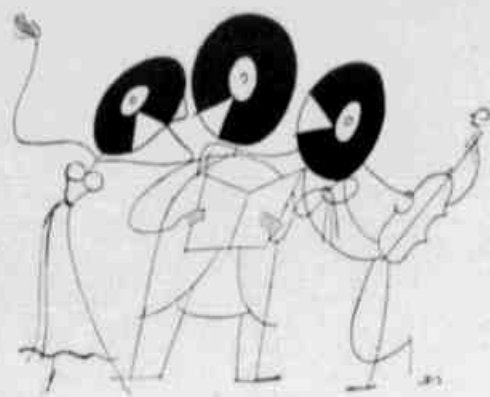
Ah! si todos soubessem que admiraveis museus são as velhas igrejas!

Todos têm razões para preferir o Ford

TURISMO E BARATA

NAS PRAIAS do Rio e de Santos, nas ruas de São Paulo, no Norte e no Sul, em todos os centros populosos do paiz encontra-se a gente elegante guiando o mesmo carro -- o Ford.

As senhoras escolhem o Ford pela sua belleza e pela facilidade que encontram em manejá-lo. A mocidade prefere o Ford porque elle é rapido, dextro e se desembaraça facilmente do transito congestionado. E os chefes de familia approvam a escolha da esposa e dos filhos por conhecerem a extraordinaria economia do Ford.

Mas o Ford tornou-se o carro da moda, sobretudo porque representa a compra mais intelligente que se póde fazer no mercado nacional de automoveis.

Effectivamente, o Ford que é o carro mais barato vendido no Brasil, offerece ao seu comprador qualidades que sómente alguns carros de alto preço possuem, taes como carrosserias inteiramente de aço, para-brisa de vidro "Triplex", mecanismo simples e perfeito além das vantagens todas de ser o carro que mais valor tem para revenda mesmo depois de muito usado.

Emquanto gyram os discos...

Cinderella

Emquanto gyram os discos, vae a terra gyrando em torno de seu eixo e gyrando em torno do sol. E emquanto a terra gyra, vão os ponteiros do tempo gyrando em torno do quadrante symbolico, tão pequeno e tão grande, pois o fim de sua circumferencia ninguem conhece. O anno vae passando e vem outro que torna a trazer as mesmas épocas, tão diversas e tão iguaes... Natal... Anno Bom... e já o Carnaval outra vez...

Antes que os sons loucos dos sambas e batuques sensuaes ensurdeçam a cidade inteira, façamos ainda uma pausa espiritual, uma concentração mystica pois o contraste é uma das maiores bellezas da vida.

Oiçamos musica pura, musica verdadeira e classica nos discos.

Polydor Na verdade quem se interessa pela perfeição dos sons de uma victrola nota logo a excellente gravação dos discos Polydor. E para uma escolha de musica classica essa marca é das melhores. Basta attentar um pouco para a collecção enviada esta semana para o "**Para Todos**".

95.140 traz a Valsa em **dó sustenido menor de Chopin**, executada ao piano pelo grande artista que é **Brailowsky**. Não é necessario accrescentar outro elogio a essa peça. Nota-se porém, na inscripção do titulo um pequeno engano da gravação. E' onde diz: Waltz, E Sharp Minor. Deveria ser C Sharp minor, pois que, na musica allemã é a letra C que corresponde á nota Dó. Do outro lado desse disco o **Estudo em Fá Menor**, de **Chopin** tambem executado pelo incomparavel **Brailowsky**.

27.234 Polydor, tem a **Marcha triumphal da Aida**, bem tocada pela **Orchestra da Opera de Berlim**, porém, melhor caberia a esse trecho musical o titulo de Selecção da opera Aida, pois se inicia com harmonias escolhidas da Ouverture, sómente após vindo a conhecida Marcha.

Do outro lado desse disco o **Intermezzo symphonico da Cavallaria rusticana**, trazendo como novidade notavel um acompanhamento de harpa de bellissimo effeito.

66.773 apresenta o **Monologo de Figaro**, Largo al factotum) do **Barbeiro de Sevilha**, o famoso canto acrobatico, cantado por **Umberto Urbano**, um dos melhores barytonos do mundo, actualmente, que, com um pouco mais de traquejo será comparavel a Tita Bufo. No verso desse disco o **Prologo do Palhaço**, tambem admiravelmente cantado por **Umberto Urbano** acompanhado de bella execução orchestral.

66.850 Traz gravado o **Sonho de uma noite de Verão de Mendelssohn**, 1ª e 2ª parte. A' semelhança de Wagner, Mendelsshon é um dos compositores mais ingratos para o critico. E' um paradoxo. Incomprehensivel e perfeito ao mesmo tempo. Esse trecho maravilhoso do grande compositor, torna-se simplesmente sublime executado pela **Philarmonica Berlinense**. Esse disco só é aconselhavel aos gostos mais apurados.

Ainda de musica classica é o disco

Columbia 15-B, trazendo o lindo **Romance de Saint-Saens**, solo de violoncello executado por **Horace Britt**. Do outro lado desse disco o não menos suave e sentimental **Intermezzo do concerto em ré de lalo**, tambem tocado no violoncello por **Horace Britt**.

Já entretanto são da expressiva e colorida musica popular e dansante os outros dois discos recebidos esta semana da Columbia:

5.667 B. On the beach with you é um optimo fox-trot, dos legitimos. No verso desse disco **Many happy returns of the day** tambem um bom fox.

2.2039 traz uma optima marcha, **Agora é tarde** composta e cantada pela **Rachel de Freitas**, e no verso **Num cantinho**, bom samba de **Fernando Magalhães** tambem cantado pela **Rachel de Freitas**. Pena é que as palavras dessas alegres musicas dansantes sejam tão sem sentido. Da marcha:

Oh! meu bemzinho
Oh! cherubim
Eu gosto mesmo muito de você
Mas si depois eu te abandonar
Não venhas mais me procurar
Pois isso assim não póde ser.

Do samba, são um pouquinho melhores mas ainda assim...

Gosto de ti
Gostarei por toda a vida
Que paixão que eu senti
Não quero ser esquecida

ESTRIBILHO

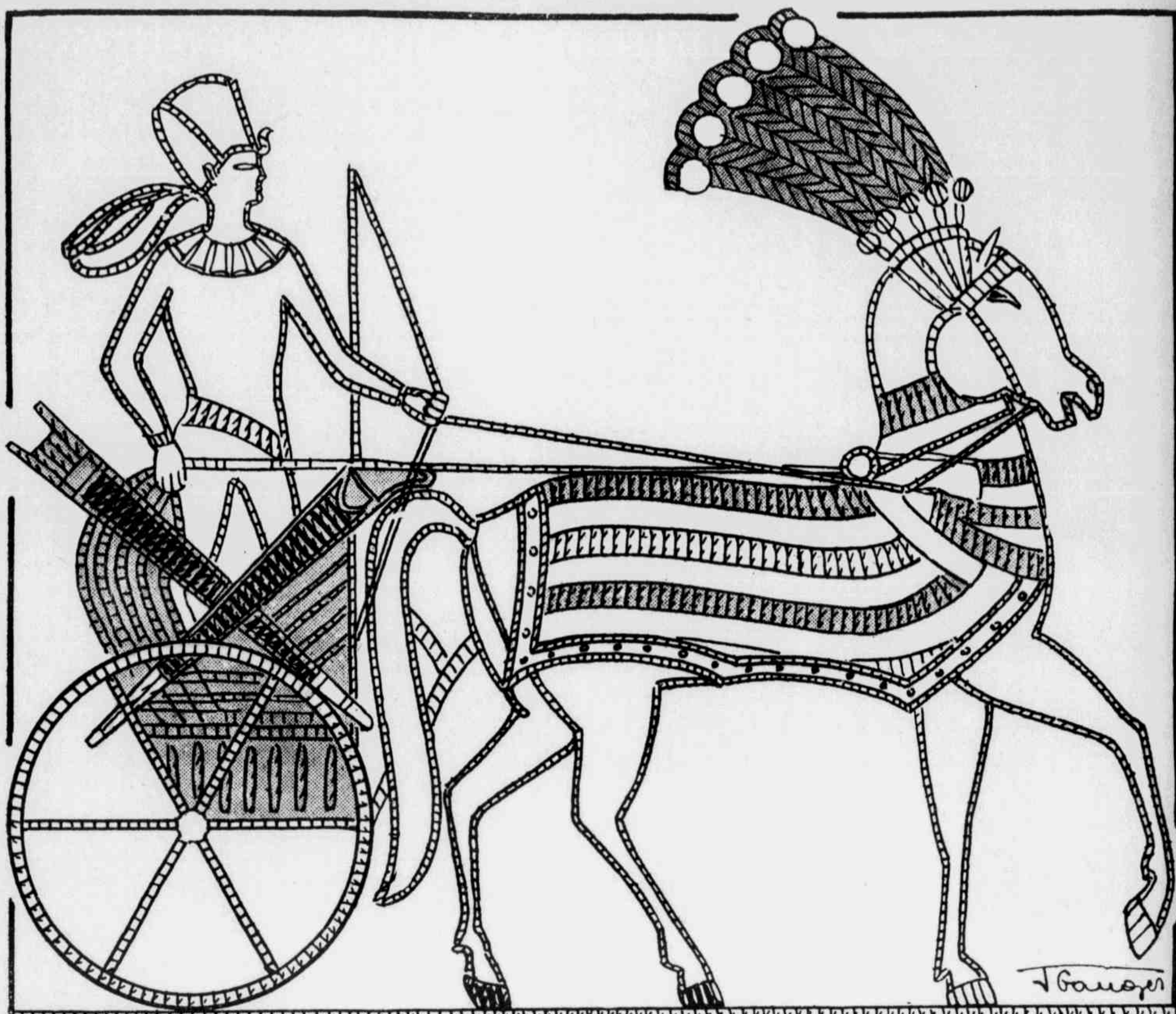
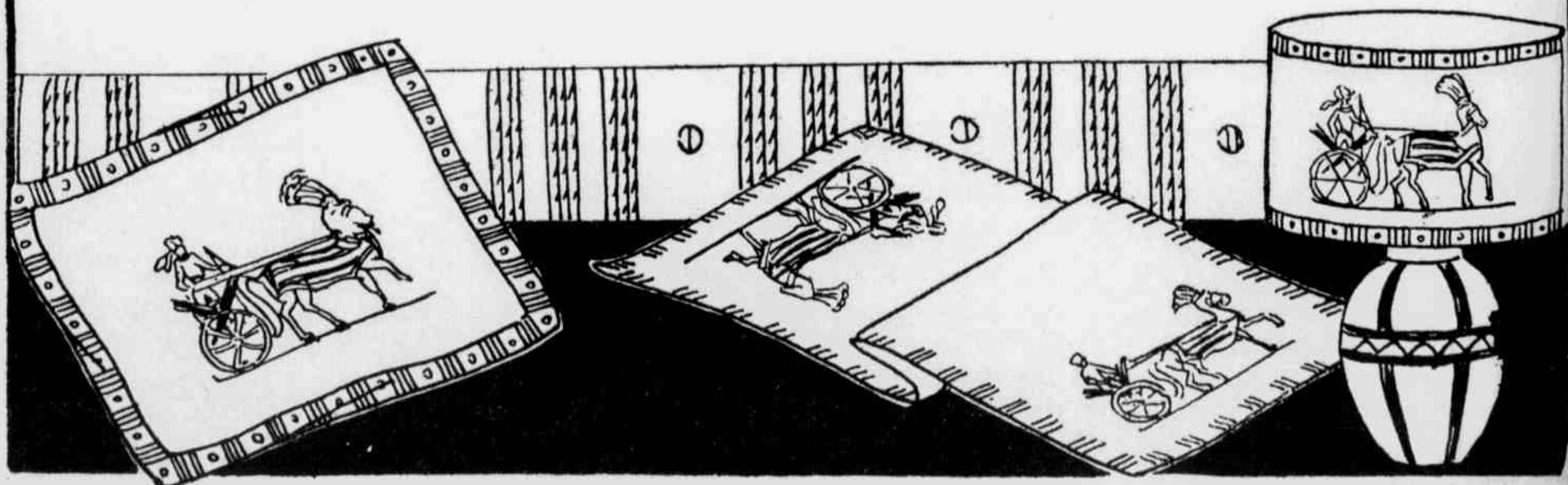
Vem cá — não vou
Vem cá — não vou
Um segredinho eu quero te contar.

Gosto de ti
Quem me dera os teus carinhos
Para vivermos bem juntinhos
Como passaros nos ninhos

Gosto de ti
Oh! meu bem não faz assim
Dá-me ao menos teus carinhos
Oh! meu bem tem dó de mim.

Aliás no estribilho existe um interessante effeito de duas vozes no pedido e negativa: — **Vem cá — não vou.**

Victor. A collecção Victor, desta semana está bastante suggestiva.

Os trabalhos da semana

ESTE motivo, evocação da epoca dos Pharaós, tem um traço muito estylisado. Deverá ser bordado "au passé" nos detalhes interiores e ponto de haste nos contornos. E' extremamente decorativo para almofadas, centros de mesa, abat-jours, etc.

F eltro preto com tres poufs de velludo, de Jane Blanchot, para as cinco horas da tarde. Luvas de Suéde com bordado inglez, de Nicolet. Bolsa de Hermés em camurça preta debruada e com uma correia em pellica branca. Guarda-chuva em peau de soie preto com grandes flores pintadas; cabo em charão preto e encastoamentos de marfim, de Vedrenne.

MO

enganara mais do que de costume...

E quando com o toque grenat de paradis, a jaqueta ruiva a saia malva, as botinas de verniz preto, as lindas meias de algodão preto, o guarda-chuva de prata e jade, as luvas cinza claro e a bolsa de ouro, a entumecida elegante ia tomar um calix de moscatel em casa das amigas, todas exclamavam num tom invejoso: "Meu Deus, que chic! Meu Deus, que conjuncto! Meu Deus, que harmonia!"

Depois a harmonia foi seriamente revisada. Deixaram tambem de fazel-a coincidir com a

H ora de jantar. Feltro de Jane Blanchot, com fita de strass e prata velha, pequeno véo. Bolsa de rangifer preto de Hermés. Luvas de Nicolet em Suéde preto.

O UTRORA a vida era muito simples. Quando uma mulher queria um chapéo (notem, não digo: quando uma mulher tinha "necessidade" de um chapéo) ia á modista e escolhia um lindo toque de velludo grenat todo drapé, muito chic e com um paradis ao lado. Esse toque combinava maravilhosamente com a jaqueta de vison bem cintada e a saia de drap de lã malva guarnecida de balayenses em taffetás plissé. Depois desejosa de possuir umas luvas ia, dias depois, á luvaria, e comprava um par de luvas de pellica cinza claro. Em seguida para preservar o toque e a jaqueta dos rigores atmosphericos, entrava numa casa de guarda-chuvas e comprava um, alto e fino, cujo cabo sustentava num entrelaçamento de sereias de prata um cabochon genero jade. Quanto á bolsa, era um gracioso sacco de ouro que o marido lhe offerecêra um dia em que a

T rança no tecido do vestido e aigrettes do mesmo tom. Modelo de Jane Blanchot. Luvas de Nicolet em Suéde com bordado inglez. Bolsa de contas de Hermés

DAS economia. E, um bello dia, viram que as luvas cinza claro, com um perpetuo cheiro de benzina, não pareciam bem tanto ás dez horas da manhã como ás dez horas da noite, e que o guarda-chuva com sereias e nymphas não escolta mais igualmente o costume matinal e a jaqueta de astrakan da hora do chá.

Trata-se de dar a cada toilette os seus accessorios, á cada hora do dia seus elementos proprios, e, em resumo: que se mude dos pés á cabeça conforme as horas e as occupações.

Entre as occupações e as horas póde-se estabelecer periodos muito marcados. Ha o esporte. Ha a manhã. Ha a tarde. Ha o jantar. Ha a noite.

Chapéo de Jane Blanchot, para o meio dia, em feltro preto com laço de velludo. Luvas brancas pospontadas de preto, de Nicolet. Guarda-chuva de Vendrenne. Bolsa de Hermés em couro ruivo, com feixe de metal.

Para o esporte, escolhe-se de preferencia o pequeno feltro com as abas desiguaes, a bolsa de couro pospontado e luvas de couro marron com pospontos solidos. Para os passeios, compras, exposições, entre a manhã e as cinco horas da tarde, um pequeno chapéo preto com um laço de velludo, uma bolsa chagrin, luvas cinza com pospontos pretos, um guarda - chuva simples, de cabo curvo. Para as cinco horas, o mesmo pequeno chapéo

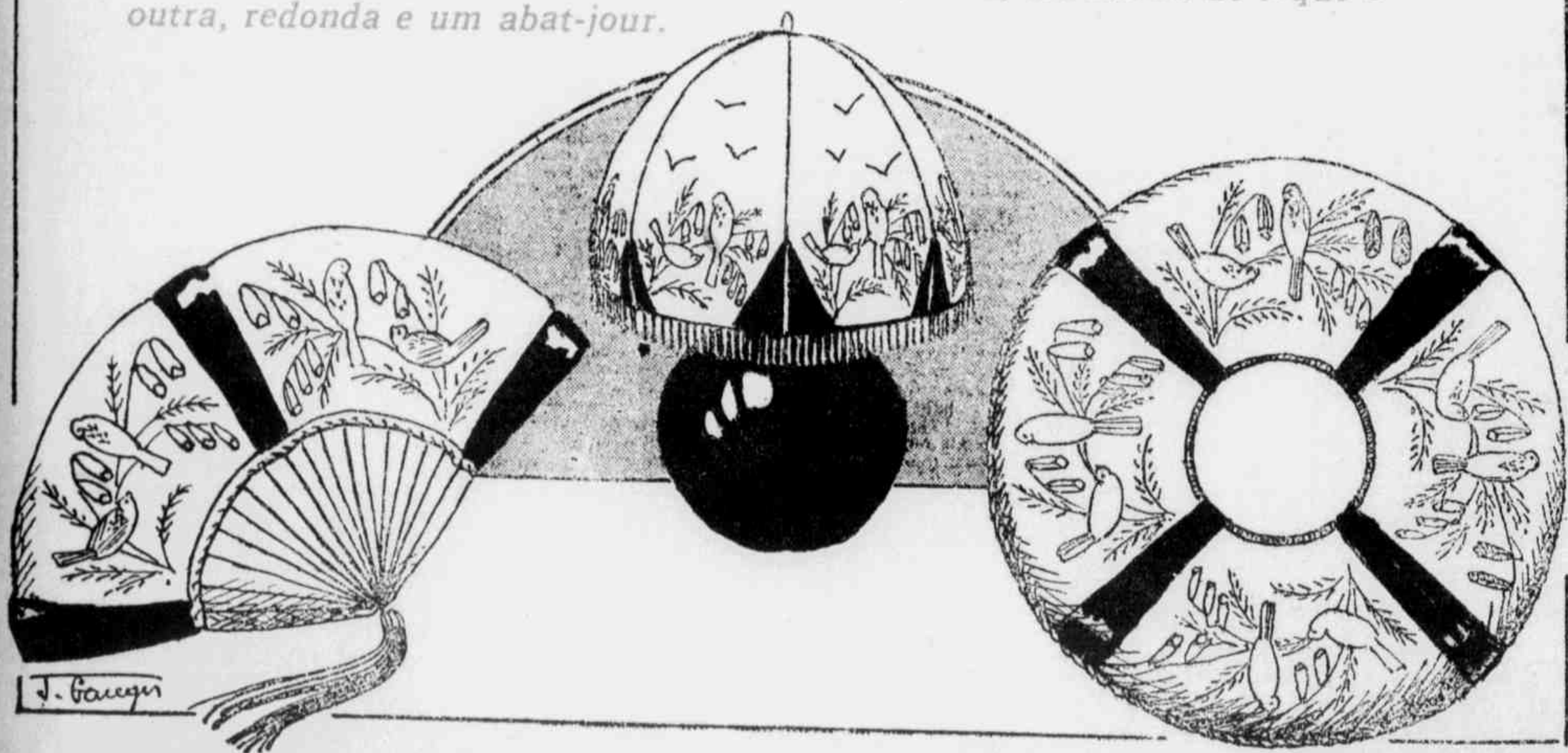
Chapéo esportivo de Jane Blanchot em feltro laranja, fivella de metal e guarnição de couro marron. Luvas de couro marron de Nicolet. Bolsa de Hermés em couro de porco.

com o laço substituido por chichis. O guarda-chuva terá um cabo artistico, as luvas os punhos bordados, e a bolsa de verniz, uma correia fosca. Para o jantar, o chapéo é um Maria Stuart em velludo preto, com véo. Luvas de suéde preto e bolsa de camurça preta.

Emfim, á noite, reppareceram as cabeças enfeitadas que ha tanto tempo não viamos. Uma bolsa de contas e luvas pretas bordadas completam o conjunto.

Casal de passaros

É um motivo classico tratado de fórma moderna e de lindo effeito decorativo. O bordado é muito simples: ponto de haste e ponto de alinhavo. Os passaros são pintados ou applicados. Servem para a decoração de innumeros objectos.

Damos como exemplo duas almofadas; uma, em fórma de leque e outra, redonda e um abat-jour.

Balladas de Gastón Figueira

João Fontoura

No cantar muitos poetas se têm inspirado e parece que ainda ha elementos para trabalhos originaes e delicados.

Antigamente acreditava-se que o canto tivesse influencia sobre cousas materiaes, hoje, apenas, percebe-se na voz o estado dalma de quem canta.

O cantar é como um sopro que espalha a poeira da alma; é praticar uma ação que faz esquecer outra que nos atormenta.

No canto ha magias; inspira amor, produz raiva, faz esquecer maguas. Mario Tota o fino poeta gaúcho completou na seguinte quadrinha, que logo passou para o *folklore* rio-grandense, o proverbio:

Quem canta males espanta
Diz um ditado profundo,
Ha tanta gente que canta
E ha tantos males no mundo

Raul Pederneiras, o admiravel manejador do lapis, excellente poligrafo e delicado poeta, descreveu num soneto, obra prima de forma e de fundo, o cantar da meninice, o cantar do adolescente, o cantar da velhice, o cantar do coveiro.

Todos cantam contentes ou fugindo da magua que oprime o coração, mas cada um deixa transparecer inconscientemente na voz, a alegria ou a dôr que o faz soffrer. Gastão Figueira, como subtitulo de suas Baladas escreveu uma quadrinha exaltando a canção:

"Sin la cancion que seria
de la pobre humanidad?
Sin la cancion faltaria
la más bella caridad!

Na "balada del fino corazón" conta em versos tão simples quão delicados como o coração, cantando por ver belezas tão fugazes, esquece a dôr enorme:

"Cantaste, corazón;
tra la la, tra la la
Io era um niño extasiado
tu, el juguete ideal.

Cantaste porque viste
sobre el agua brilhar
un reflexo

reir una muchacha
bajo el parral,
entreabrir-se los labios
de una flor del rosal,
el fruto de la luna
colgando en el palmar

Y tu dolor enorme,
corazón, donde está?
¿Bellezas tan fugazes
te lo hacen olvidar?

¡Ay, corazón niño!
¿de la dicha eterna,
la clave tendrás?

Cantaste corazón
tra la la, tra la la
L yo te comprendia
¡ olvidar!, olvidar!
¡Ah, canta, corazón
corazón, niño,
caja de musica
canta más, canta más!

Baladas, de Gastón Figueira, formam pequeno livro de 47 paginas apenas, porisso mesmo, representa um pequeno frasco contendo fina essencia.

Gastón Figueira procura tirar das idéias, que se lhe afloram, versos simples por util á elaboração estetica sempre em evolução e a caminho ascendente para a perfeita originalidade.

Na contemplação das belezas do mundo e da vida, não se atém, se quer por momentos, no *houmor*, mas, nas observações constantes do movimento impressionante do homem, conduzido pela duvida, pelo querer e não querer; pelas suas demonstrações psiquicas de cada hora no seio da humanidade, vê, estuda-lhe os atos e define seu estado psicologico do momento.

Um ente humano passa, ele o comtempla, observa sua fisionomia, seus gestos, seu andar e advinha o que se passa naquela alma isolada muitas vezes mesmo no seio da multidão.

Como um poeta incompreendido, Gastón Figueira tem sempre a alma triste, mas, resignado, aceita as cousas como são e não como queremos que sejam.

Substituindo a lagrima pelo sorriso e a desfolhar pelo mundo as rosas do coração para receber em troca, e com prazer, os acicates da dôr, espera com ternura o momento da desencarnação inevitavel.

Aceptemos con dulzura
el' regalo da le vida
Donde se vertió una lagrima
pongamos una sonrisa

Deshojemos por el mundo
la rosa del corazón
Aceptemos con dulzura
el regalo del dolor

Y cuando la Hora Eterna
a nuestra casa se acerque,
aceptemos con dulzura
el regalo de la muerte

Sente-se que amparou em tempo o coração. Sua moral conduzida pelo caminho dos evangelhos, magôa-se pelo que de máu praticam os homens neste vale de lagrimas que é o mundo.

Aconselha que voltemos a ser crianças, porque se Deus falasse seria com voz de criança.

Si algún dia hablara Dios,
como la voz de los niños
habria de ser sua voz

Gastón Figueira é o poeta da simplicidade encantadora. Seus versos, nascidos espontaneamente, são escriptos para prégar o bem, o aperfeiçoamento moral de seus irmãos na terra.

— Donde está la dicha?
dije un dia al viento
Y solo escuché
Su largo lamento

— Donde está la dicha?
pregunté a la mar
Danzaban las olas
riendo sin cesar

Dije a un ave errante
— La dicha no existe?
Ella se alejó
Silenciosa y triste.

La noche se alzaba
Como immensa cruz
Su voz angustiosa
Elegó hasta Jesus.

Y en la sombra ardiente
respondió el Senhor

— La dicha, hijo mio,
está en el dolor.

Sem as ambições que perdem o homem, Gastón Figueira não deseja mais do que um rincão de amôr, de sonho e de paz, para viver ao lado, da mulher amada.

Se ás vezes deseja alguma cousa é para dar.

La vida me digo: Dame tus ensueños
Y quedé sin ellos.
La vida me digo: Dame tu alegria
Si la di en seguida
La vida me digo: Deseo tus lagrimas
...Me quede sen nada

Y ahora, tan solo espero que pida
lo que ya menos vale mi vida

Na existencia, que se alonga qual corda de violino, a soar em cantatas e noturnos e que se parte, deixando no ar écos de harmonia, o homem sente, vivra e chora, remembrando tempos que não voltam mais.

Quantas vezes, a sós, imerso em sismares, refazemos e romanceamos os acontecimentos encadeados desde os primeiros quadros que nos impressionaram na meninice até o momento em que esquecidos do mundo vagamos em sonhos, em ideaes que nunca se tornam em realidade, mas, que pairam em nosso espirito como se o fossem.

E tudo não passa de imaginação, dessa imaginação, que no dizer de Alcides Maya, é a sintese do universo e da vida, imaginação que acorda em nós a saudade, a lembrança comovente do passado.

E' da fogueira de S. João, que Gastón Figueira fala com saudade e que implora depois de correr terras longinquas e de arrastar sonhos já mortos.

"Hoguerita de San Juan
Hoguerita de ilusion,
Hoguerita de San Juan
Revive mi corazón!

O homem nunca está contente com sua sorte. Quando criança quer ser homem, quando homem quer voltar á meninice.
Se no mar, quer a terra
Se na terra, quer o mar.

"La noche era como un bosque
con claros frutos de estrellas

Mirando el mar fugitivo,
el marinero cantava,
embriagado de tristeza:
"¡Amarga vida del mar!"
"¡Dulce vida de la tierra!"

"La noche era como un bosque
con claros frutos de estrellas

El marinero vagaba
por la ciudad vasta y densa
dolorido de placeres,
con el alma fria, estrecha
Y la voz del corazón
le decia com tristeza:
"¡Dulce vida de la mar!"
"¡Vida amarga de la tierra!"

"La noche era como un bosque
con claros frutos de estrellas

Gastón Figueira é poeta que merece ser conhecido no Brasil, como é no Uruguay e em outras nações Latino-Americanas.

Entre os livros

Os Cinco

CABOCLA — Ribeiro Couto, caboclo das praias de Santos, acaba de publicar um romance sobre uma linda "Cabocla" do Espirito Santo — a Zuca.

Romance optimo. Optimo de verdade. Da marca legitima do autor de "Bahianinha e outras mulheres".

Romance, sobretudo, brasileiro. Desses que a gente lê de uma arrancada só, encantado da primeira á ultima folha.

Successo, portanto, decisivo. Nem era de esperar outra coisa do talento peregrino de Ribeiro Couto. A sua Zulmira é, sem discussão, a flor mais pura das nossas moças do matto. Ella caracteriza, nos seus menores detalhes, o typo ingenuo e delicioso da brasileirinha da roça, feliz com o seu vestido de chita e os seus chinellos de cara de gato.

Ha em "Cabocla" paginas admiraveis. Sente-se, atravéz dellas, a doçura dos corregos que cantam dentro das nossas florestas. Tudo é "revelação ineffavel de coisas simples". A impressão que se tem "é de que ninguem faz coisa nenhuma e que a gente vive dando graças a Deus".

Não raro, num simples periodo, Ribeiro Couto consegue pintar um quadro enorme: "Os passarinhos é que parece que trabalham, numa actividade damnada de uma arvore para outra, cruzando a estrada na frente da gente".

Todo o romance é um saboroso idylio entre um estudante do Rio e a cabocla gentil de Pau d'Alho. Idylio que, naturalmente, acaba num bello casamento, abundonando o rapaz as seducções da Capital pela tranquillidade de uma fazenda.

E' curioso observar que Ribeiro Couto escreveu "Cabocla" no estrangeiro, ou melhor, na sua ex-vivenda de Roucas Blonc, em Marselha, onde o visitei certa vez. Prova segura de que, namorando as aguas envolventes do Mediterraneo, não esqueceu elle, um só instante, a herva cheirosa e moça do Brasil.

Funccionario (e dos melhores) do nosso Consulado Geral em Paris, Ribeiro Couto é hoje, na França, um verdadeiro embaixador das nossas letras junto aos escriptores daquelle paiz.

Esperemos pelos seus feitos com serena confiança. Depois de "Cabocla" outros livros virão. Virão, notadamente, as Anthologias que elle está escrevendo, na lingua de Victor Hugo, para tornar conhecidos os nossos romancistas, os nossos poetas, os nossos ensaistas e historiadores. — *Osorio Dutra.*

A MULHER QUE FUGIU DE SODOMMA", de José Geraldo Vieira — Schmidt Editor.

Na apreciação deste grande livro não se póde pensar em escolas nem em influencias. Não se irá discutir se o autor pertence a esta ou áquella corrente literaria, se elle se filia ainda ao naturalismo ou se se apéga aos moldes renovadores do modernismo. Essas cogitações ficam em segundo plano. O que resalta logo é a importancia deste romance no nosso apagado panorama literario.

Porque, indiscutivelmente, "A mulher que fugiu de Sodomma" é uma das obras mais fortes surgidas ultimamente no Brasil.

Tudo, neste livro doloroso e humano, reflecte uma poderosa intelligencia e um espirito altamente culto. E a variedade de ambientes, (a acção se passa no Rio e em Paris), que poderia prejudical-o, é mais um pretexto pra que o autor nos dê paginas da mais commovedora belleza.

Toda a vez que no Brasil surge um livro assim, realizado, definitivo, construido, o classico indifferentismo nacional mais se evidencia. Esta terra continua a ser o lugar menos proprio pra se nascer com intelligencia. O intellectual, aqui, só póde contar com o pouco caso da nacionalidade, que só vê nelle um sujeito vagamente decorativo e inutil...

Eu não conheço o Sr. José Geraldo Vieira. E por isso mesmo estou perfeitamente á vontade pra contar todo o meu enthusiasmo pelo seu livro.

"A mulher que fugiu de Sodomma". Livro em que elle maneja os seus personagens com uma segurança de magico, lhes dissecando a alma, lhes traçando a vida, e os orientando sempre no sentido da libertação. Mario, só na morte a encontrou. E pra Lucia, a libertação foi a fuga...

Tudo o que o autor pretende dizer elle o diz. Objectivamente. Explicadamente. E dahi resulta uma prolixidade, talvez incommoda, mas que não é bastante pra prejudicar um livro de tão alta emoção esthetica.

Emfim, "A mulher que fugiu de Sodomma" é de um valor invulgar, e o seu autor fica como uma das figuras melhores da litteratura brasileira.

D. C.

CONTOS E LENDAS DO BRASIL — de Oswaldo Orico — Cia. Editora Nacional.

Neste livro, Oswaldo Orico, o biographo magnifico de Patrocinio, volta suas vistas pro nosso "folk-lore".

Como o proprio nome o indica, o volume é de contos e lendas, pesquisadas com amor, narrações interessantissimas e vivas que o autor enfeita com a fascinação da sua intelligencia e o encanto da sua prosa, sempre sonora e musical.

Fazer *folk-lore*, com importancia e pedantismo, é coisa que nunca me satisfez. Assumpto nascido da propria alma do povo, acho que elle só deve ser tratado com simplicidade e ternura, sem citações eruditas e phrases empoladas. E, porisso mesmo que foge á essa ordem, e se apresenta como um livro encantador, de leitura proveitosa e convidativa, "Contos e lendas do Brasil" me parece um volume que todos deviam ler. Ali está um punhado de coisas palpitantes, contando as nossas origens, a crendice daquelles indios que foram nossos avós, a belleza sem artificios dessa boa alma primitiva e ingenua do Brasil. — **Dante Costa.**

CANTO A ESTE BRASIL DE TODO MUNDO — *Nolachio Diniz.*

1932 começou bem nas livrarias. Ao menos, fecundo.

Nolachio Diniz augmenta agora o numero dos livros novos com um folheto em que eleva um cantico patriotico ao Brasil, num estylo nervoso e rapido, como as machinas, os arranhacéos, o radio, os dynamos, a terra nova, o mundo novo, o momento novo.

Mas, sem se deixar embriagar do defeito de um patriotismo tolo e estrabico, termina o poema num grito de desatento:

"Brasil!
Eu tenho uma inveja grande
de todas as outras terras
que não teem nem metade
da sua riqueza
mas que valem
muito mais que você
Brasil!"

L. M.

FIGURAS DO IMPERIO E OUTROS ENSAIOS — E' o volume 1°, da Série V — *Brasiliana* — da Bibliotheca Pedagogica Brasileira, que a Cia. Editora Nacional está publicando sob a direcção de Fernando de Azevedo. Livro sadio e bem feito. Evocando perfis e coisas do tempo do Imperio. O Sr. Baptista Pereira relembra notaveis figuras que agitaram o scenario politico da Monarchia e factos em que foram partes, traçandolhes as feições primaciaes. Vemos assim homens como Zacharias, Silva Ferraz, Caxias, Tamandaré, Cotegipe, Lafayette, Rio Branco e outros, como lemos outros ensaios em torno do idealismo da Constituição, commentarios sobre Ruy na Conferencia de Haya e em torno de Rudyard Kiplinq no Rio de Janeiro. O livro "Figuras do Imperio e outros ensaios" do Sr. Baptista Pereira é um livro de preciosa documentação, enriquecido de notas ineditas sobre homens e coisas do segundo reinado. Livro que recreia e ensina. Optimo livro. — *Carlos Rubens.*

No paiz das montanhas cinzentas

(Continuação do numero passado)

Calou-se e suspirou.

Aminullah teve um gesto de sympathia.

— Sinto muito. Mas Hirfa não o ama.

— Mesmo que ella o odeie, elle quer...

— Que tolo!

— E' o que lhe disse. Mas o coração transbordante de paixão não ouve a razão. Ventre esfaimado não tem ouvidos.

— Espirito obstinado tambem não tem. E Hirfa é obstinada. E' do meu sangue.

E' por isso que, ante-hontem á tarde, convoquei o "mejliss".

— Oh! sim!

Um sorriso imperceptivel enrugou a calma de Aminullah Khan. Não só elle estava ao corrente da reunião do "mejliss", mas tambem encostára a orelha indiscreta na parede fina do fundo da sala onde se reunira o conselho. Sabia que o padre devia procural-o naquella manhã, conhecia o motivo da visita e estava preparado.

— Que é que eu poderia fazer sinão isso? (Mortazou estendia as mãos num gesto de excusa). Meu filho tem o coração atormentado. Conversei com todos. Approvaram-me quando lhes lembrei a antiga lei da tribu.

— Qual? perguntou o outro com malicia. Ha tantas!

— A lei que manda toda moça que passe dos dezesete annos sem se casar acceitar por esposo o primeiro homem da tribu que se proponha, uma vez que seja são de corpo e de espirito, de familia e de occupação honrosas.

Ora meu filho...

— E' isso tudo quanto reclamas?

Mortazou sentiu-se livre de um grande peso.

— Então, tu te submettes ao decreto do "mejliss"?

— Ninguem mais do que eu respeita as leis antigas, respondeu o outro ironico. Venero-as todas, mesmo uma que me parece esquecida por ti.

Mortazou levantou os olhos, inquieto, desconfiado.

— Que queres dizer?

— Quando o "mejliss" decide que uma rapariga seja casada contra a vontade, resta á pobre uma ultima esperança. Pois, qualquer homem, mesmo um estrangeiro tem o direito de desafiar o rival para a luta. E, segundo a antiga lei que nós respeitamos todos dois, a rapariga deve casar com o vencedor.

— Essa lei existe, realmente, disse o padre. Mas, accrescentou rindo, que homem, em toda a montanha, será capaz de resistir a meu filho?

— Sei de um que quer experimentar. Estará aqui ao meio dia. Previne ao teu filho para estar prompto.

Aminullah Khan parecia muito serio e o padre o olhou espantado.

— Não é possivel que penses em semelhante coisa! exclamou elle.

— Entretanto, penso.

— Mas, quem é?

— Espera e verás.

Mortazou se por a rir. Algum joven presumpçoso dos Momand Kheis, pensou; ou talvez um da meia duzia de lutadores que, naquelle momento, praticavam em Kaboul.

— Hoje haverá pernas destroncadas e braços quebrados, disse elle. Bater o meu filho!

O seu riso elevou-se ao diapasão mais agudo do deboche.

— "Allah! Allah"! Que arrogancia! Que presumpção! Um frango gordo e ambicioso de cosinhar na sua propria banha!

Mortazou partiu. Um pouco antes do meio dia, quando Hirfa voltou do valle, a aldeia zumbia como uma colmeia. As raparigas descuidavam os rebanhos, os homens a pesada lavoura, as mulheres os vimes e as "sémilas" — especie de odre cheio de leite que ellas balançam sobre os joelhos até que a manteiga se fórme amarella e escumosa.

Hirfa parou um instante ouvindo, depois entrou em casa. Os seus olhos sombrios brilhavam como uma noite de inverno estrellada. Nos ultimos dias, ella sentia um amargor contra o mundo inteiro e particularmente contra Touglouk Khan. Pois desde a manhã em que esse lhe pedira para fugir com elle, nunca mais falára no projecto. Embora decidida a recusar sempre que elle renovasse a proposta, estava zangada, desprezo bem feminino pela logica, por elle não insistir. De tal fórma que, já algum tempo, occultava um resentimento desapontado que deveria terminar por atiçar fogo e chamma.

— E' verdade o que dizem essas linguas compridas que fazem tamanho bate-bocca lá fóra? perguntou ao avô que ia fumar o seu narguilé.

— E'.

— Por que não prohibes?

— Como poderei prohibir, creança? Fui eu mesmo quem suggeriu a prova.

A colera de Hirfa transbordou.

— Como? Que sou eu, então? Uma escrava, uma cabra, uma creatura sem direitos nem alma, que dois homens — o diabo que carregue os dois! — lutem entre elles, para conquistar, sem que a consultem, ou...

— E' a lei antiga, respondeu o avô num tom indifferente, e dissimulou um cacarejo no tubo do cachimbo, que a

agua borbotou e rosnou como um camelo de mau humor.

— Desde quando, oh! pae de minha mãe, és tão obediente as leis da montanha?

— A idade me tornou docil.

— Ah! E's como o ladrão que depois de roubar um milhão de gallinhas, vae, em peregrinação, á Mecca!

Sem transição, a colera da rapariga deu lugar á curiosidade.

— Quem é o homem que provocou Ali Youssef? perguntou.

No fundo, mesmo que ella não quizesse confessar, o caso a envaidecia.

Sem responder o avô continuou chupando o narguilé.

— Quem é? repetiu ella, batendo com o pé. Diga-me! Diga-me!

Aminullah Khan se poz a rir.

— Devias estar bem apressada, esta manhã, para não o teres ouvido nem visto te acompanhar!

— Que queres dizer?

Elle apontou para a porta aberta.

— Eil-o que chega! O homem prompto a arriscar os membros e o pescoço pelo amor dos teus beijos!

Hirfa seguiu a direcção do dedo do velho, e avistou Tougiouk Khan que subia o atalho e desapparecia diante da mesquita da aldeia, na pequena praça banhada da luz fria e dourada das montanhas. Ella precipitou-se para a porta...

— Oh!...

A exclamação de surpreza foi afogada num côro de ruidos gutturaes. Os Momand Khels se ajuntavam em torno do Tougiouk Khan.

— Um Zakka Khel! rugiam, um Zakka Khel!

— Que vens fazer aqui?

— Volta para junto dos teus semelhantes, oh! raça chacal!

— Ah! raça de porcos!

Insultos e ameaças augmentavam como augmentava o ajuntamento: homens e mulheres corriam, carregando páus e apanhando pedras; Tougiouk Khan, com um ligeiro sorriso esperava que a tempestade melhorasse.

— Vim aqui, annunciou elle com a voz alta e clara, com a intenção de me bater com o campeão Ali Youssef para a conquista do corpo e da alma de Hirfa, neta de Aminullah Khan.

Aminullah Khan sahiu de casa. Hirfa agarrada ao braço do avô, fazia-lhe perguntas:

— Por que não me disseste nada? Por que o deixaste vir? Queres que o matem? Queres vel-o esmagado por esse bufalo que é Ali Youssef?

O velho curvou-se para ella.

— Criança! disse elle quasi severo. Então não tens um pouco de confiança no homem que amas... ou em mim?

E logo Hirfa se acalmou. Os seus olhos encontraram os de Tougiouk Khan; entre elles houve uma troca de mensagens mudas.

Já a multidão se preparava deixando ao centro um espaço livre, quando Ali Youssef chegou com o pae.

Não houve nem preliminares, nem cerimonias, nem fanfarrices e desafios, acompanhados de pomposas proclamações de circumstancia, como haveria em Kaboul. Nas montanhas cinzentas era differente.

Ali Youssef tirou a roupa de seda branca, desenrolou o magnifico turbante e confiou os dois objectos a um dos seus admiradores. Com um ponta-pé se desembaraçou das sandalias. Como uma apparição dramatica endireitou o torso immenso, nú, salvo uma pequenissima tanga; as pernas pareciam troncos de carvalho e os braços columnas de granito.

Tougiouk Khan imitou o exemplo do adversario. Com seis pés de altura, mais ou menos, flexivel e nervoso, costas muito largas e um bello relevo muscular, parecia quasi uma criança comparado ao volume fastastico de Ali Youssef. Esse sorria. O seu coração ingenuo de gigante não continha nenhuma malevolencia. Olhou Tougiouk Khan com uma tolerancia divertida e abanou a cabeça.

— Não, não, disse elle. Eu não quero lutar comtigo.

— Tens medo? perguntou o outro.

Os homens da tribu rugiram de tanto rir.

— E' louco! Esse Zakka Khel é louco! exclamou um.

— Sim. Deve estar subjugado por uma paixão devorante para ousar intervir entre Ali Youssef e Hirfa, entre o urso e a presa.

— O seu pescoço fará um gentil ruido ao se quebrar, quando o nosso Ali torcel-o como de um passarinho!

Ali Youssef voltou-se para o ultimo que falára.

— Fecha a tua bocca para que os teus dentes não se quebrem.

Este homem é valente.

E dirigiu-se a Tougiouk Khan:

— Não te farei muito mal.

Sentia compaixão pelo rival. Mas não podia se esquivar da luta. Amava Hirfa. Terminaria rapidamente aquelle encontro sem gloria e cujo desenlace era inevitavel.

Avançou com um caminhar pesado, depois abaixou-se em postura de assalto. As mãos se lançaram para frente como patas de ursos, procurando pegar o outro pela cintura num abraço mortal.

Entre os montanhezes, não ha na luta tomadas prohibidas, astucias desqualificadas. Soccos e ponta-pés, tudo é permittido.

A questão não é saber quem tem razão si os anglo-saxões, si os asiaticos. Entre esses ultimos o fito não é fazer o adversario tocar a terra com os dois hombros; trata-se de agarral-o, torcel-o, asphyxial-o, obrigal-o a perder os sentidos, não importa quaes os meios empregados.

Assim, quando Ali estendeu os braços para a frente, Tougiouk lembrou-se de certa lição que pacientemente aprendera e repetira durante as duas ultimas semanas, la em cima na crista Picante. Pulou para o lado e atirou-se no chão, de costas, sem fazer nenhum esforço para se levantar, como se o medo o paralysasse.

A respiração de Hirfa era sibilante e o avô acariciava-lhe os cabellos.

— Não tenhas medo! murmurava elle. Olha!

A multidão ria. Ali tambem tudo estaria terminado num instante. Com as pernas muito abertas, curvou-se para o homem prostrado e estendeu para elle os enormes braços musculosos. Ia agarrar aquelle pedaço de homem e martellar com elle a terra dura até que desmaiasse ou pedisse soccorro. Ergueu os hombros como que se excusando. Sentia-se que o golpe lhe repugnava. Mas, no momento em que, absolutamente seguro de si mesmo e não pensando em se resguardar, abaixou-se com uma certeza enorme, pesada e lenta, muito lenta, de repente, traiçoeiramente, Tougiouk levantou, dobrou e esticou as pernas, mandando-as em cheio no peito do adversario, bem em cima do coração.

Ali gemeu, estremeceu, deu um grito de cão ferido, depois tombou com um ruido immenso e ficou desaccordado, emquanto que um longo soluço elevava-se da multidão.

O estrangeiro ganhára. Mas nenhum pulso se levantou; nennuma ameaça foi murmurada. Era assim nas Montanhas Cinzentas. Era a lei antiga. Elles a respeitavam.

Uma aspersão de agua fria fez com que Ali recuperasse os sentidos. Pozse de pé cambaleante, apalpou a cabeça que parecia ôca e sorriu infeliz.

— E' a primeira vez que me batem, disse sem sombra de resentimento, mas desconcertado olhando Touglouk do alto do seu volume dominador. E batido por ti... "Allah"! perdão, não quero te offender... Mas... por ti!

— E o homem que me bateu, disse rindo Aminullah, era mais forte do que Touglouk!

Ali ficou confuso.

— Hein? Que te bateu? Quando? Onde? Como? Mas... eu pensava que...

— Nunca disse a ninguem. Mas, passaram-se os annos... Quando eu estava em Pekim, um pequeno rato do Mongol me bateu graças ao mesmo golpe (ria, feliz) que, durante estes ultimos quinze dias, lá em cima, na crista Picante... "Hayah"! — a minha velha pelle está ainda preta e azul! — eu ensinei ao nosso amigo Touglouk.

— Oh! exclamou Hirfa indignada. E me deixaste atormentada. Não me disseste nada! Por que?

— Sou tolo? respondeu o avô sorrindo. Vou lá confiar segredos a uma mulher? Seria dar queijo aos ratos para guardarem.

Voltou-se para o padre, immovel e silencioso.

— Mortazou, disse elle, a amizade vale mais do que a inimizade. O propheta Mohammed — salve-o! — foi quem o declarou! Agora a raça dos Zakka Khels se misturará á dos Momand Khels...

— Isso é que é falar bem, interrompeu Ali.

Já, retomára o ar ingenuo e o bom humor. Começava a esquecer Hirfa. Perdêra-a. Era uma determinação do destino. Como evitar o que está escripto na fronte do Anjo dos Rolos de Pergaminho?

Caminhou em direcção ao atalho que conduzia ao valle.

— Ouvi dizer que ha lindas raparigas entre as Zakva Khels, declarou elle. Vou fazer a minha escolha emquanto ellas ainda imaginam que sou o maior lutador da montanha, antes que as más linguas lhes contem o caso da minha derrota!

Nessa noite, até muito tarde, Touglouk e Hirfa ficaram sentados na porta da casa de Aminullah Khan.

Os olhos sonhadores se perdiam atravez do valle, banhado por uma nevoa azul e prata: prata, symbolo de promessa, e azul, côr da esperança.

A brisa trazia-lhe a agrura da neve fria e pura das montanhas e os murmurios confusos da noite que pareciam vozes felizes de crianças.

O Espirito Classico do Cubismo

(Conclusão do numero passado)

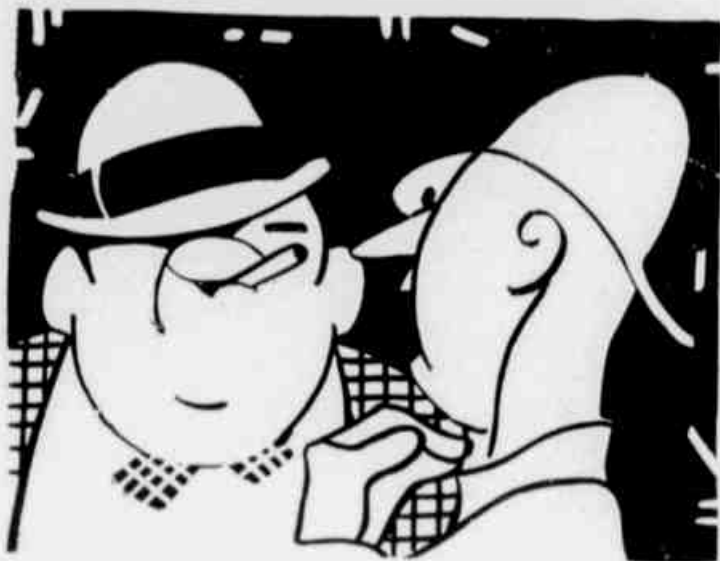
á literatura ou á rhetorica, e pintará, por exemplo, "um elephante", "o rapto de Europa", "o Christo ultrajado".

Houve um momento de generalização da tendencia constructiva do cubismo. Toda a pintura viva foi atravessada pela inquietude de reconstrucção. As fórmas propostas pelo cubismo foram geralmente adoptadas pelos pintores e mais ou menos adaptadas ás necessidades e ás possibilidades de cada um. Essa generalização tinha que produzir rapidamente tentativas diversas, cahoticas e confusas, que perturbaram no começo as idéas iniciaes do cubismo como movimento. Mas os que guardavam as normas do movimento permaneceram firmes ao primeiro ideal cuja authenticidade espiritual só elles, talvez, pudessem sentir.

Picasso, Braque, Gris, Léger ficaram fiéis ao pensamento ordenador cuja necessidade experimentaram no principio e que mais tarde foi nelles um sentimento inalteravel. Porém essa similitude de pensamento e essa constancia unanime, essa tenacidade, que autorizaram a fixação de um novo movimento classico na pintura por meio de resultados vivos e duradouros, não impediram que esses pintores offerececem, entre elles, variações importantes que contribuiram, sem duvida, para dar maior vida ao accordo. De um lado Picasso e Léger, polos agudos e movediços do movimento. Do outro, Braque e Gris, "centros" solidos e estaveis.

Picasso é o iniciador, o que estabeleceu por meio de uma encosta ininterrupta e que serpenteia até ao infinito, o magnifico repertorio plastico da pintura contemporanea. Para elle, o cubismo é uma "constancia" espiritual. Ao invento mais puro agregou outros, de uma importancia talvez desigual, mas necessario para a realização do destino. O genio plastico de Picasso é alimentado por uma curiosidade insaciavel. O

UM COBRADOR FATIGADO

— O senhor quando está no escriptorio não é encontrado noutro lugar?
— Não entendo sua pergunta.
— E' que sempre que eu lá vou não o encontro.

UM HOMEM PACIENTE

— Eu desejava explicar o meu caso. Estás disposto a escutar-me?
— Pois não; eu sou pescador de anzol.

pintor se inquieta constantemente com suas proprias idéas e por isso não offerece nunca reações totaes, exclusivas. Picasso não abandona nunca uma idéa.

Persegue-a sobre varios planos.

Experimenta-a em "diversas situações" e tira-lhe o maximo de plastica. Picasso não se abandona nunca á idéa. Só se abandona a si mesmo.

Braque representa a riqueza pictorica contida, o dom dirigido, a emoção conservada toda na fórma vibrante. E' o homem rico que trabalha para subjugar seus dotes e escapar assim á indolencia. E' o classico nato que constróe uma obra de nobre e serena densidade. Nú, estatico, feito com os elementos moveis da sensibilidade, a sua obra confirma o cubismo. Em certo momento Braque sentiu a necessidade de empregar os seus dotes livremente e sair de si mesmo. Logo, enriquecido com vigores novos, volveu ao destino de constructor. A sua obra, que é toda de concentração, está isenta de aventuras como a de Gris.

Mas Gris é o "self made man". Sahiu do nada ou do quasi nada. Chegou a construir uma obra á força de constancia apaixonada, de tenaz conservação, de humanidade excepcional. Por isso, a obra de Gris, deveria ser realizada com uma paciencia fiel a um grande ideal, poderia ser considerada como a regra viva, a força e concentração em si mesmo e de fé dispensada. Tambem é uma lição. Gris passou por um periodo de renuncia, de ligeiro abandono. Mas volta a si mesmo, no fim da vida, e concluiu com a confirmação do seu ideal.

Léger é o homem do Norte. Graças ao seu temperamento opulento de pintor, concilia a sua realidade nordica com o espirito mediterraneo do cubismo. Estabelece uma sensação nova por uma serie de sobresaltos bruscos, mas que têm continuidade logica e humana. Quer dominar a expressão nordica e fundar uma obra sobre a terra virgem. Seus periodos são agudos e a sua justaposição constitue o equilibrio na sua obra: o dynamismo e da época das machinas em que realiza pictoricamente as esperanças do Futurismo e do Dadaismo, passa ás figuras monumentaes e ao periodo estatico, contribuindo com a sua robusta saude ao Purismo necessario, para a efficiencia therapeutica desse movimento. Logo restabelece o objecto na sua fórma concreta e isolada. Uma unica tentativa de concessão na obra de Léger: as

paizagens animadas. O instincto de pintor de Léger ultrapassa nelle o estheta. Léger "faz" as suas theorias segundo os seus quadros e não os quadros segundo as theorias. A influencia de Léger é consideravel entre os artistas do Norte. Por causa delle se interessaram no cubismo.

Dentes
como um fío de Perolas
Escovar os
dentes com a pasta
ODOL
e empregar ao mesmo
tempo o liquido
ODOL
é transformar a
dentadura num
fío de Perolas.
A pasta „Odol“ torna os dentes alvos, sem atacar o esmalte e impede a formação das pedras (tartaro).
O liquido „Odol“ penetra em todos os intersticios dos dentes, embebe de substancias desinfectantes os residuos ahi retidos, impedindo a sua decomposição e, deste modo, combate a causa da carie.
Odol
Pasta dentif
Odol
Frasco

MOBILIARIOS TAPEÇARIAS

DECORAÇÕES

arte - Conforto - Distincção

CASA NUNES

MARCA REGISTRADA

65 - RUA DA CARIOCA - 67

RIO